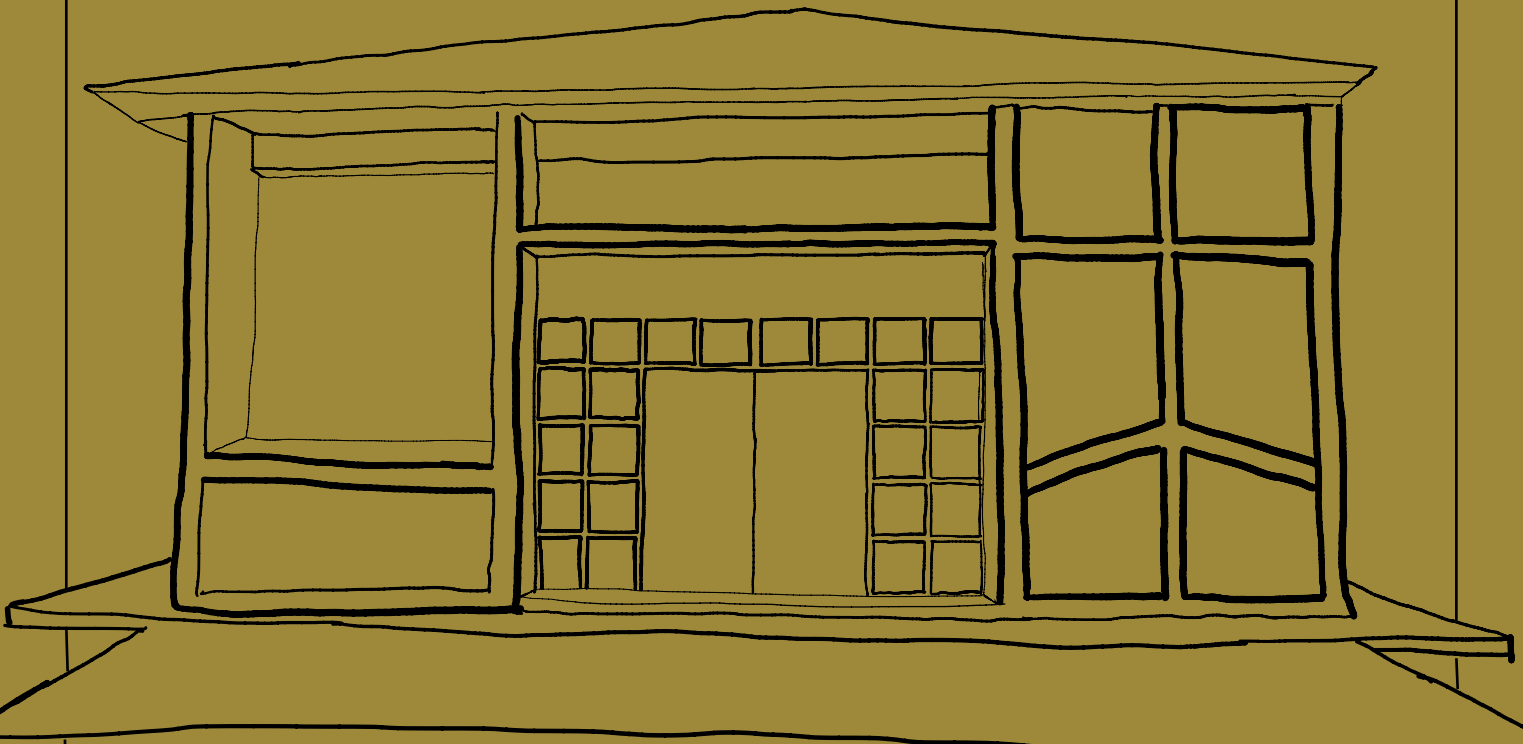


A ARQUITETURA DO ESPAÇO SAGRADO CATÓLICO:

*As diretrizes do Concílio do Vaticano II e o
caso da Igreja Nossa Senhora de Fátima,
João Pessoa-PB.*



Juliana Dutra de Lucena

JULIANA DUTRA DE LUCENA

A ARQUITETURA DO ESPAÇO SAGRADO CATÓLICO:

As diretrizes do Concílio do Vaticano II e o caso da Igreja
Nossa Senhora de Fátima, João Pessoa-PB.

Trabalho Final da Graduação apresentado
como parte dos requisitos para obtenção de
título de bacharel em Arquitetura e Urbanismo
pela Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Adriana Leal de Almeida Freire

João Pessoa,
Dezembro, 2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L935a Lucena, Juliana Dutra de.

A arquitetura do espaço sagrado católico: As diretrizes do Concílio do Vaticano II e o caso da Igreja Nossa Senhora de Fátima, João Pessoa-PB. / Juliana Dutra de Lucena. - João Pessoa, 2023.
73 f. : il.

Orientação: Adriana Leal de Almeida Freire.
TCC (Graduação) - UFPB/CT.

1. Arquitetura religiosa. 2. Concílio do Vaticano II. 3. Movimento moderno. 4. Igreja Católica. I. Freire, Adriana Leal de Almeida. II. Título.

UFPB/BSCT

CDU 72(043.2)

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus. Minha força. Meu sustento. Meu descanso. Minha alegria.
Sem Ele nada aconteceria.

Sou grata a minha família, meus pais Isabela e Solon, e minha irmã Mariana, que acompanhou de perto todo o meu caminho, sempre acreditando em mim. Sou grata aos meus amigos que entenderam minhas ausências durante esse ano. Sou grata a comunidade católica em Adoração, aos meus irmãos, que foram meu sustento espiritual nos dias de cansaço e agonia, dentre eles cito: Ruana Catherine, Bruno Rodriguez, Diana Valentim, Hévila Dias, Irmão Basílio e Irma Maria Madalena.

Sou grata a minha orientadora, a docente Adriana Leal, que aceitou o desafio de me orientar, e assim fez com louvor. Sou grata ao arquiteto Marcos Santana que me cedeu acesso ao seu arquivo de projetos e fotos. Sou grata ao Diácono Eduardo Henrique que contribuiu para a minha pesquisa no âmbito religioso e quanto ao espaço litúrgico. Sou grata à arquiteta Juliane Lins que compartilhou comigo seus livros e seus conhecimentos outrora adquiridos na área de arquitetura religiosa.

Sou grata ao Padre Marcondes Meneses que me recebeu no centro cultural São Francisco dando-me as primeiras ideias para o desenvolvimento do trabalho, bem como livros que poderiam me orientar. Sou grata ao Padre Joseilson por sempre estar apto para tirar minhas dúvidas, e por ter me incentivado a estudar o tema desde o início da minha graduação. Sou grata aos seminaristas da arquidiocese da Paraíba, dentre eles cito Renato Afonso e Tiago, pela ajuda na procura de livros e de documentos que agregassem na minha pesquisa.

Sou grata aqueles que participaram da formação de quem eu me tornei no decorrer dos últimos 5 anos de graduação. Às minhas amigas: Nise Maria e Maria Carolina que compartilham comigo trabalhos, alegrias e projetos. Aos Professores que tive a honra de ser aluna. Aos Escritórios de arquitetura que tive a oportunidade de estagiar dentre eles: Anne Furtado, CRN Arquitetura e Tainá Andrade.

Enfim, sou grata a todos que o Senhor colocou no meu caminho ao longo do processo até chegar aqui. Para honra e glória de Deus chego ao término desse trabalho com o coração grato e cheio de amor. Com o sentimento de dever cumprido, mantenho o olhar firme e tranquilo para o caminho que há de vir.

RESUMO

O concílio do Vaticano II foi um divisor de águas para a espiritualidade católica no século XX, oficializando desejos de renovação e mudanças queridas desde o início do século XX. Desse modo, a arquitetura religiosa católica entrelaçada ao movimento moderno viveu esse momento, devido às atualizações litúrgicas promovidas pelo Concílio. Tendo isso em vista, o presente trabalho buscou compreender as diretrizes do concílio e suas implicações para a arquitetura religiosa das igrejas, a partir do estudo de caso da Igreja Nossa Senhora de Fátima, na cidade de João Pessoa, Paraíba. A Igreja, projetada pelos arquitetos Carlos Alberto Carneiro da Cunha e Edmundo Ferreira Barros, foi inaugurada em 1976, mas passou por diversas modificações e reformas até o presente momento. Nesse sentido, , além de analisar o projeto original, o trabalho buscou ressaltar as mudanças que também serviram de base para análise das aplicações conciliares, assim como para a determinação da qualidade do padrão arquitetônico do espaço sagrado frente ao olhar do arquiteto e do fiel. Dessa forma, tentou-se traçar um panorama das transformações da Igreja, no intuito de refletir sobre a sua representação para a arquitetura religiosa contemporânea local.

Palavras chaves: concílio do vaticano ii; arquitetura religiosa; movimento moderno, igrejas modernistas, Igreja católica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: A casa romana	19
Figura 02: Planta baixa de dommus	19
Figura 03: Catacumbas em Roma	20
Figura 04: Catacumbas de São Sebastião	20
Figura 05: Panteão de Roma externamente	20
Figura 06: Panteão de Roma internamente	20
Figura 07: Planta baixa de igreja basilical	21
Figura 08: Basílica paleocristã	21
Figura 09: Basílica Romana	22
Figura 10: Basílica cristã após o séc. VII	22
Figura 11: Igreja de Santa Maria Del Naranco	23
Figura 12: Igreja de Saint Foy	23
Figura 13: Planta baixa de igreja românica	23
Figura 14: Catedral de Milão	24
Figura 15: Catedral de Reims	24
Figura 16: Arco ogival	24
Figura 17: Abóbodas cruzadas	24
Figura 18: Efeito luminoso	24
Figura 19: Tempietto San Pietro	25
Figura 20: Basílica de Santa Andrea	25
Figura 21: Planta baixa circular	25
Figura 22: Planta baixa longitudinal	25
Figura 23: Vista com os principais elementos renascentistas	25
Figura 24: Planta baixa de uma igreja Barroca.....	26
Figura 25: Igreja de San Carlo Alle Quattro Fontane	27
Figura 26: Interior da Igreja Santa Maria Della Vittoria	27
Figura 27: Igreja de São Francisco de Assis-MG	27

Figura 28: Interior da Igreja Madre de Deus, Recife-PE	27
Figura 29: Monge D. Lambert Beauduin	28
Figura 30: Mosteiro Beneditino antes da reforma	29
Figura 31: Mosteiro Beneditino após a reforma.....	29
Figura 32: Exemplar da revista L'arte Sacré	30
Figura 33: Exemplar da revista L'arte Sacré	30
Figura 34: Igreja St. Fronleichnam, Rudolf Schwarz, 1930	30
Figura 35: Igreja St. Fronleichnam, Rudolf Schwarz, 1930	30
Figura 36: Igreja St. Anna, Rudolf Schwarz	30
Figura 37: Igreja St. Anna, Rudolf Schwarz	30
Figura 38: Notre Dame, em Ronchamp, Le Corbusier, 1955	31
Figura 39: Notre Dame, em Ronchamp, Le Corbusier, 1955	31
Figura 40: Igreja de São Francisco de Assis, Pampulha, Oscar Niemayer	32
Figura 41: Igreja de São Francisco de Assis, Pampulha, Oscar Niemayer	32
Figura 42: Capela do Monastério Beneditino da Santíssima Trintade de Las condes	32
Figura 43: Capela do Monastério Beneditino da Santíssima Trintade de Las condes	32
Figura 44: Capela do Monastério Beneditino da Santíssima Trintade de Las condes	32
Figura 45: Igreja de São Bonifácio	33
Figura 46: Planta da Igreja de São Bonifácio	33
Figura 47: Principais diretrizes do Concílio	36
Figura 48: Novos formatos de plantas	40
Figura 49: Planta de localização	42
Figura 50: Praia de Tambaú em 1968	43
Figura 51: Encontro da Ruy Carneiro com a Epitácio	43
Figura 52: Clube Esporte Cabo Branco	43
Figura 53: Residência Adrião Pires	44
Figura 54: Residência Adrião Pires	44

Figura 55: Residência Adrião Pires	44
Figura 56: Quadro de arquitetos	44
Figura 57: Residência José Juvêncio	45
Figura 58: Residência José Juvêncio	45
Figura 59: Residência Jacy Cavalcanti	45
Figura 60: Residência Aécio Pereira	45
Figura 61: Pontos do Roteiro para construir	47
Figura 62: Pontos do Roteiro para construir	47
Figura 63: Diagrama solar	48
Figura 64: Diagrama dos ventos	48
Figura 65: Fachada norte	49
Figura 66: Planta baixa original	50
Figura 67: Planta baixa da nave principal	51
Figura 68: Foto da igreja	51
Figura 69: Brises de concreto nas fachadas leste e oeste	51
Figura 70: Planta de fluxos	52
Figura 71: Foto do altar	52
Figura 72: Presbitério original	52
Figura 73: Fachada original	53
Figura 74: Fachada atual	53
Figura 75: Proposta de Expedito Arruda	53
Figura 76: Proposta de Marcos Santana	53
Figura 77: Planta baixa de Expedito	55
Figura 78: Planta de demolição proposta	56
Figura 79: Maquete branca 3D	56
Figura 80: Maquete branca 3D	56
Figura 81: Maquete 3D	57

Figura 82: Maquete branca 3D	57
Figura 83: Planta do foi executado	57
Figura 84: Ampliação	57
Figura 85: Nave	58
Figura 86: Fachada oeste	58
Figura 87: Fachada principal	58
Figura 88: Voluemtria externa, fachada leste	58
Figura 89: Planta baixa de Marcos Santana	59
Figura 90: Maquete 3D do projeto	60
Figura 91: Presbitério durante a reforma	60
Figura 92: Desenho da fachdada norte	61
Figura 93: Corte da nave da Igreja	61
Figura 94: Desenho da fachada oeste	61
Figura 95: Desenho da fachada oeste	62
Figura 96: Planta de alterações com a via sacra	62
Figura 97: Imagens 3D	63
Figura 98: Imagens 3D	63
Figura 99: Imagens 3D	63
Figura 100: Caminho pergolado da va sacra	63
Figura 101: Entrada da fachada oeste	63
Figura 102: Entrada da fachada leste	63
Figura 103: Linha do tempo	64
Figura 104: A igreja hoje	64
Figura 105: A igreja hoje	64
Figura 106:A igreja hoje - o coro	65
Figura 107: A igreja hoje - batistério.....	65

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
Justificativa	
Objetivo geral	
Objetivos específicos	
Procedimentos metodológicos	
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1. Antecedentes	
2.1.1. A era paleocristã	
2.1.2. A era medieval	
2.1.3. A era renascentista	
2.1.4. A contrarreforma e o barroco	
2.2. O século XX e o Concílio do Vaticano II	
2.2.1. O movimento litúrgico e a igreja Católica	
2.2.2. O movimento litúrgico e o movimento moderno	
2.2.3. O concílio do Vaticano II	
3. ESTUDO DE CASO	41
3.1. Sobre autoria	
3.2. Implantação e volumetria	
3.3. O projeto original	
3.4. Reformas posteriores	
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

1. INTRODUÇÃO

O espaço sagrado é conhecido como o local de culto e encontro com Deus, devendo dirigir o fiel ao Alto levando-o a se comunicar com o Criador, como se observa desde os primeiros livros da Bíblia, através de Abraão, homem bíblico, conhecido como o Patriarca da Fé. Antes de ser o espaço dos homens é sobretudo o espaço de Deus, onde o Divino se revela e se comunica com aqueles que acreditam.

Segundo Machado (2007), através dos textos bíblicos é possível verificar que os patriarcas da Fé, seja Abraão, Jacó, Isaac, tinham a necessidade de manter o canal de comunicação com Deus aberto e, por isso, levantaram altares em lugares especiais para se encontrar com Deus. Desse modo, na experiência judaico-cristã, os símbolos sempre tiveram bastante relevância, desde Abraão e as estrelas, Jacó e o monólito, o templo de Salomão, a Arca da Aliança, da cidade de Jerusalém ao Cristo, do Cristo - templo de Deus vivo -, até os cristãos, corpo batizados e templos do espírito. O espaço cristão se torna não apenas um templo, mas a cidade do Alto, o corpo místico de Cristo, nascendo assim, do desejo de construir espaços materiais e dignos para o rito do culto cristão.

As Igrejas católicas ao longo da história do cristianismo foram marcadas por transformações estéticas e arquitetônicas. Os edifícios religiosos passaram por várias formas de se construir, adaptando-se a cada sociedade, representando os simbolismos, os cultos e expressões dos fiéis de cada época. Nesse sentido, diversos fatores contribuem para a definição das representações dos locais sagrados: condicionantes culturais, geográficos, climáticos, sociais, econômicos, tecnológicos, políticos, teológicos, cristológicos e eclesiológicos (MACHADO, 2007; MOLINERO, 2019).

Os arranjos internos dos espaços das igrejas católicas são definidos em acordo com a liturgia de cada época. Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIC 1074) , a liturgia é simultaneamente o cume para o qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua força. É, portanto, o lugar privilegiado da catequese do Povo de Deus.

Conforme cita Lima (2011), até o século XX, o rito ordinário das celebrações litúrgicas era o Tridentino, feito ainda em latim, e com o sacerdote voltado para o altar, ou seja de costas para o povo. Fato esse que levava a assembleia a viver um certo distanciamento com o centro da celebração que é reviver a paixão de Jesus. Assim, alguns padres Beneditinos, franceses e alemães, deram início a um movimento em torno de uma mudança, que traria os fiéis para mais perto da Igreja, em um mundo já pós revolução industrial, no qual a sacralidade decaía rapidamente da vida da sociedade dando lugar ao ateísmo, liberalismo, socialismo e materialismo. Dessa forma, surge o movimento de reforma litúrgica que culminou no Concílio do Vaticano II, onde foi pregada e expandida a busca pelo retorno ao simbolismo do cristianismo nascente, da Igreja primitiva, aquela das primeiras comunidades cristãs após a morte do Cristo.

O concílio do Vaticano II, terminado na década de 1960, foi um marco fundamental no catolicismo contemporâneo, gerando muitas mudanças para os fiéis, nas formas de expressar a fé, simbolismos litúrgicos, e consequentemente permitiu maior liberdade na arquitetura dos espaços sagrados católicos, pois o concílio trouxe mudanças na forma de organização da assembleia e dos altares, como se observa no documento *Sacrosanctum concilium*.

Justificativa

A arquitetura é reflexo de um tempo, de um povo, assim também a arquitetura religiosa segue esse padrão. Nos últimos séculos, a sociedade mudou de forma acelerada, novas técnicas construtivas surgiram e novas formas de projetar edifícios. Contudo, o espaço sagrado católico regido também por sua sagrada liturgia não depende das leis civis, mas das instituições do magistério da Igreja.

Nesse sentido, apenas com o Concílio do Vaticano II, na década de 1960, houveram mudanças oficiais na forma de projetar igrejas, quando se oficializou uma série de diretrizes do movimento litúrgico conectadas ao movimento moderno.

Desse modo, compreendendo o significado do concílio para a vida na Igreja e suas aplicações projetuais no desenvolvimento do espaço sagrado católico a partir desse período,

esse trabalho ao se dedicar a melhor compreensão das diretrizes do Concílio do Vaticano II aplicadas a realidades locais, na cidade de João Pessoa, encontra respaldo na própria história da Igreja Católica como também na necessidade de entender a sacralidade do homem frente a racionalidade e a negação a espiritualidade. Assim como, a importância das permanências simbólicas de um povo, e a relação da qualidade da arquitetura com as vivências do homem.

Dessa forma, desenvolver reflexões sobre a arquitetura produzida a partir do Concílio até hoje é um modo de entender a sociedade e como ela se comporta. Tal como afirma Plastro (2012), é importante refletir sobre a temática para a melhor idealização de projetos religiosos frente à espiritualidade sagrada que começa a desaparecer no homem moderno.

Afinal, como a espiritualidade deve ser trabalhada tendo em vista o homem racional e contemporâneo? Será que os simbolismos de outrora nos satisfazem hoje? Como a produção arquitetônica religiosa na cidade se comporta diante dessas questões?

Objetivo geral

Compreender as diretrizes projetuais do Concílio do Vaticano II, no que tange ao espaço celebrativo. Assim, através de exemplares construídos analisar permanências simbólicas e a qualidade arquitetônica atual de espaços sagrados, com ênfase para os rebatimentos no estudo de caso selecionado.

Objetivos específicos

Observar e analisar os efeitos e consequências dos novos valores no espaço celebrativo, a partir das diretrizes do Concílio do Vaticano II;

Analisar as mudanças de planta e volumetria do projeto original da Igreja Nossa Senhora de Fátima, e suas transformações posteriores, de maneira a verificar de que modo tais mudanças dialogam e estabelecem rupturas com as diretrizes do Concílio do Vaticano II;

Contribuir para o conhecimento acerca da produção religiosa contemporânea da cidade de João Pessoa.

Procedimentos metodológicos

O trabalho se desenvolveu em três etapas.

A primeira etapa consistiu em pesquisa bibliográfica sobre a temática, desde o desenvolvimento do espaço sagrado cristão ao longo da história até os precedentes do movimento litúrgico que culminaram no concílio do Vaticano II, como os espaços celebrativos se formavam e se expressavam, os simbolismos que afirmavam e representavam. Buscou-se apresentar a relação do movimento litúrgico com o movimento moderno, bem como exemplares que corroborem a ideia, ainda antes do concílio.

A etapa foi iniciada a partir de uma investigação de títulos na plataforma google acadêmico, a partir de palavras chaves: arquitetura religiosa católica, movimento litúrgico, concílio do Vaticano II, arte sacra. Após a seleção dos trabalhos acadêmicos e livros sobre o tema, foram realizados fichamentos dos principais conceitos que deveriam ser abordados para a relevância do tema.

Quanto ao estudo do concílio do Vaticano II é importante pontuar que a própria igreja Católica, ao oficializar as determinações finais do Concílio, promulgou também documentos que ajudariam nas reformas e projetos posteriores. Nesse sentido, foram fundamentais para a análise alguns documentos identificados no website do Vaticano. Os documentos estudados foram: o Sacrossanto Concílio, no qual as partes que compõem a igreja-edifício, seu uso e seus significados, ganharam novas diretrizes que definiram o atual Espaço Litúrgico Católico. Em seguida, tem-se a introdução geral ao missal romano e a Instrução da Sagrada Congregação de Ritos, que também orientam para a dignidade do local de celebração, quanto à importância das imagens e sacralidade do espaço.

Essa etapa foi discutida no item dois: a fundamentação teórica.

A segunda etapa consistiu no levantamento das informações essenciais para a análise do estudo de caso proposto pelo trabalho. O levantamento se deu através de pesquisa documental, pesquisa de campo e gráfica. Antes da definição do estudo de caso, foi realizada uma pesquisa de campo para reconhecimento de possíveis exemplares a serem estuda-

dos, além de pesquisa documental em documentos eclesiais da arquidiocese da Paraíba e nos livros de tombo da igreja, além de notícias de jornal.

O acesso a descrições no livro de tombo sobre a Igreja de Nossa Senhora de Fátima e sobre a autoria do projeto, aliado ao conhecimento das reformas empreendidas na igreja, levaram ao contato com rico material para análise deste exemplar. É importante pontuar que ao longo do desenvolvimento desta etapa, algumas dificuldades foram encontradas. A proposta inicial de realizar uma análise comparativa de três exemplares da cidade de João Pessoa construídos após o Concílio do Vaticano II, acabou não se constituindo em função da falta de acesso a informações fundamentais. Foram considerados os seguintes exemplares, que poderão ser objeto de pesquisas futuras: Igreja São Pedro Pescador, Manaíra; Igreja Auxílio dos Cristãos, Bessa; Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Altiplano; Igreja Imaculada Conceição, Miramar; e Igreja Santa Ana São Joaquim, Pedro Godim.

Para ampliar a análise sobre o estudo de caso, foi realizada uma busca de informações históricas sobre a localidade e temporalidade do exemplar, a partir de trabalhos acadêmicos já realizados. Ademais, foi realizada uma investigação sobre os arquitetos responsáveis pelo projeto, suas respectivas escolas e princípios projetuais.

A pesquisa de campo buscou, através de observações in loco, determinar se o projeto da Igreja Nossa Senhora de Fátima compreendia ou não os princípios do concílio do Vaticano II, e como o mesmo desenvolvia a perspectiva do sagrado. Foi realizada a busca das plantas baixas originais no acervo da prefeitura de João Pessoa, mas infelizmente o acervo não inclui projetos anteriores a 1974. Por outro lado, o acesso a fotografias realizadas após a inauguração da igreja e aos desenhos desenvolvidos para os projetos de reforma, permitiram reconstituir a planta original. Os depoimentos do arquiteto Marcos Santana, responsável por um dos projetos de reforma (não desenvolvido), também foram fundamentais para constituir material adequado para análise gráfica do exemplar.

Essa etapa é apresentada no item três: o estudo de caso.

A terceira etapa traz o estudo da Igreja para análise e reflexões críticas. Nesse momento, fez-se o uso de plantas baixas concedidas pelo Arquiteto Marcos Santana, para o desenho da planta original, uma vez que o projeto original não foi encontrado na prefeitura. Com a planta original redesenhada e com as fotos levantadas da época, foi discutido e refletido sobre os conceitos e materialidade do exemplar, bem como o mesmo se comportava frente às propostas sociais e culturais do seu tempo e do concílio do Vaticano II, através de desenhos produzidos pela autora.

Além disso, para a reflexão sobre as reformas posteriores da Igreja divide-se a análise em três fases, correspondentes ao respectivo início de cada projeto: 2008, 2012, 2018. Desse modo, foi feita a descrição das mudanças ocorridas e reflexões sobre as mesmas. Por que ocorreram? Quais foram os impactos no projeto original? Quais problemas foram solucionados? Quais foram as melhorias? Tais propostas expressam continuidades ou rupturas?

Essa etapa é descrita no item três e quatro.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vocês não sabem que são templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois, o templo de Deus é Santo, e esse templo são vocês. (1Cor 3,16-17).

A partir de Jesus Cristo, os homens e as mulheres se tornam os verdadeiros templos de Deus, tal como afirma Paulo de Tarso ao escrever para os coríntios. O espaço físico se tornou apenas o local de celebração onde os filhos de Deus se reúnem para celebrar a memória da paixão e a ressurreição de Cristo, tanto que nos primeiros séculos do cristianismo não havia tanta preocupação com os locais celebrativos, bastava caber o povo que ali se reunia em Cristo (MACHADO, 2007).

De acordo com o concílio do Vaticano II é deixado claro:

“a igreja nunca considerou um estilo como próprio, mas aceitou os estilos de todas as épocas” (Vaticano, 1963).

Por isso, observa-se diversidade nos estilos e padrões arquitetônicos ao longo dos séculos, sempre havendo adaptação ao contexto histórico e social de um tempo.

2.1. Antecedentes

2.1.1. A era paleocristã

Na medida em que o cristianismo se desenvolvia e se expandia, também os locais se expandiram. Nos três primeiros séculos depois da morte de Cristo, segundo Molinero (2019), a estrutura do espaço celebrativo não seguia um modelo de arquitetura fixa, nem os espaços eram formulados na tipologia edifício-igreja. Sendo assim, as comunidades se reuniam em *Domus*, casas individuais dos convertidos.

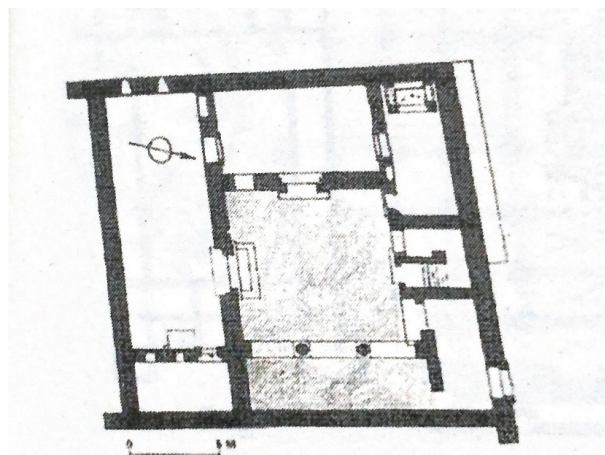
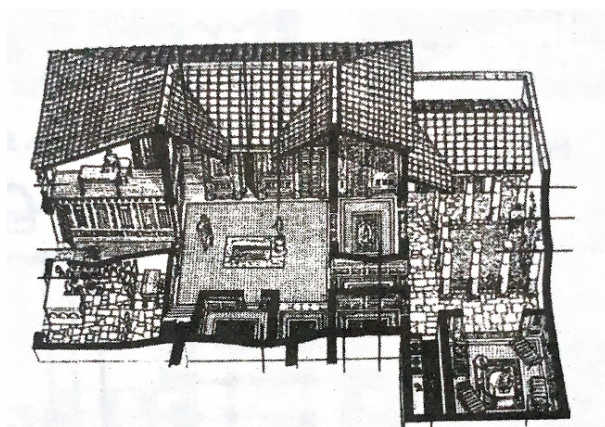


Figura 01 e 02: Casa romana e planta baixa de uma dommus
Fonte: Wiedeforn, 2000

Além disso, como a igreja primitiva ainda não era considerada oficial pelo Império Romano havia muita perseguição aos cristãos, que enterravam seus mortos em cemitérios subterrâneos, conhecidos como catacumbas. Assim, devido a perseguição, esses locais também se tornaram espaços para as celebrações, de maneira escondida e protegida dos olhares de outrem (PLASTRO, 1999).

Segundo o professor Felipe Aquino, em seu livro *A História da Igreja*, pela lei Romana os cemitérios são considerados locais sagrados, as catacumbas possuíam intrincados labirintos, e alguns chegavam a ter cerca de cinco andares abaixo da terra. Os cadáveres eram depositados em nichos construídos nas paredes dos corredores, contudo havia algumas criptas, onde se realizavam as missas e encontro dos fiéis. Observa-se a presença de muitas imagens pintadas nas paredes.

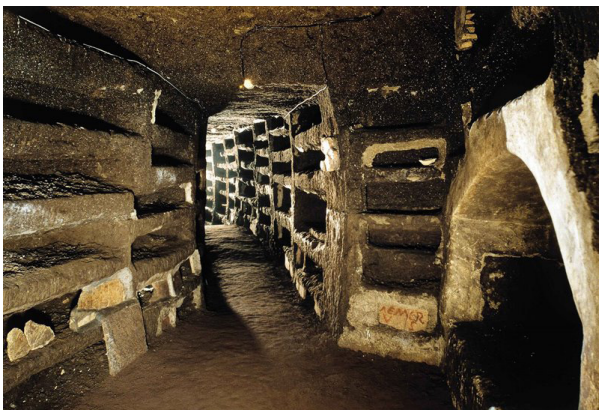


Figura 03: Catacumbas em roma;
Fonte: G. CARGAGNA / DEA / AGE FOTOSTOCK



Figura 04: Catacumba de São Sebastião
Fonte: <https://oriundi.net/cultura/catacumbas-de-roma-cristianismo-primitivo.html>

Na medida em que os nobres romanos se converteram, surgiu a Ecclesia domestica, que era o uso das casas dos nobres recém convertidos, a maioria em estilos romanos e sinagogas. Com o crescimento do número de cristãos, foi necessário desenvolver de fato locais apenas para o culto. Em geral, eram salas mais amplas chamadas de casas de oração ou casa-igreja (MACHADO, 2001)

Quando o cristianismo recebeu a liberdade para expressar através do Edito de Milão, no ano de 312 d.c, e posteriormente se tornou a religião oficial do Império Romano em 324 d.c, com Constantino, o edifício-igreja se tornou uma tipologia formal, se adaptando e se desenvolvendo, na medida em que a importância e poderio da igreja crescia, sempre se atendo à liturgia vigente. Inicialmente houve uma adequação dos antigos templos pagãos para a nova estrutura cristã, como se observa com o Panteão Romano (fig 05 e 06) (MACHADO, 2001).



Figura 05 e 06: Panteão Romano externamente; Panteão internamente
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/802972/classicos-da-arquitetura-panteao-romano-imperador-adriano>

Ao mesmo tempo, as basílicas, edifícios constituídos de grandes salões retangulares, com divisões internas de colunatas, muitas delas arcadas, formando uma grande nave central e duas ou mais naves laterais, e na cabeceira, localizava-se, em geral, uma ábside, estrutura em forma de meio cilindro coberto com uma meia abóbada, passaram a ser adaptados e construídos para a função igreja.

(ALBUQUERQUE, 2020).

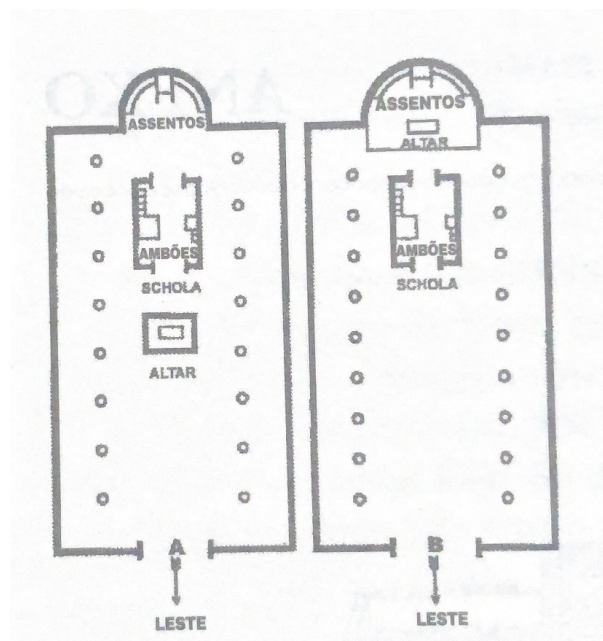


Figura 07: Planta baixa de igreja basílica
Fonte: MOLINERO, 2019



Figura 08: Basílica Paleocristã

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/classicos-da-arquitetura-panteao-romano-imperador-adriano>

2.1.2. A era medieval

A partir do século VI, ocorreram várias mudanças na forma de culto e de devoção, multiplicaram-se as orações privadas, a comunhão sacramental foi reduzida, aumentaram as práticas de devoção nascente à Mãe de Deus, aos santos e, mais tarde, à Santíssima Trindade. As missas privadas multiplicaram-se e assim se multiplicaram também os altares. Até então havia nas igrejas um único altar, simbolizando um só Cristo. A partir de agora, são construídos vários altares nas naves laterais. Trata-se da Idade Média, época em que se construíram muitas igrejas monumentais, cheias de espiritualidade, distantes das motivações litúrgicas primitivas (MACHADO, 2001, p. 22).

Segundo Albuquerque (2020), a abside passa a se tornar o local do altar. O transepto, um tipo de nave transversal, será acrescentada à planta basilical na tradição católica, fazendo da planta baixa uma forma de cruz latina, cuja interseção entre a nave central e o transepto se chamará Cruzeiro. Entre o altar e o cruzeiro se encontra o coro. A cobertura era composta por vigas e tesouras de madeira.

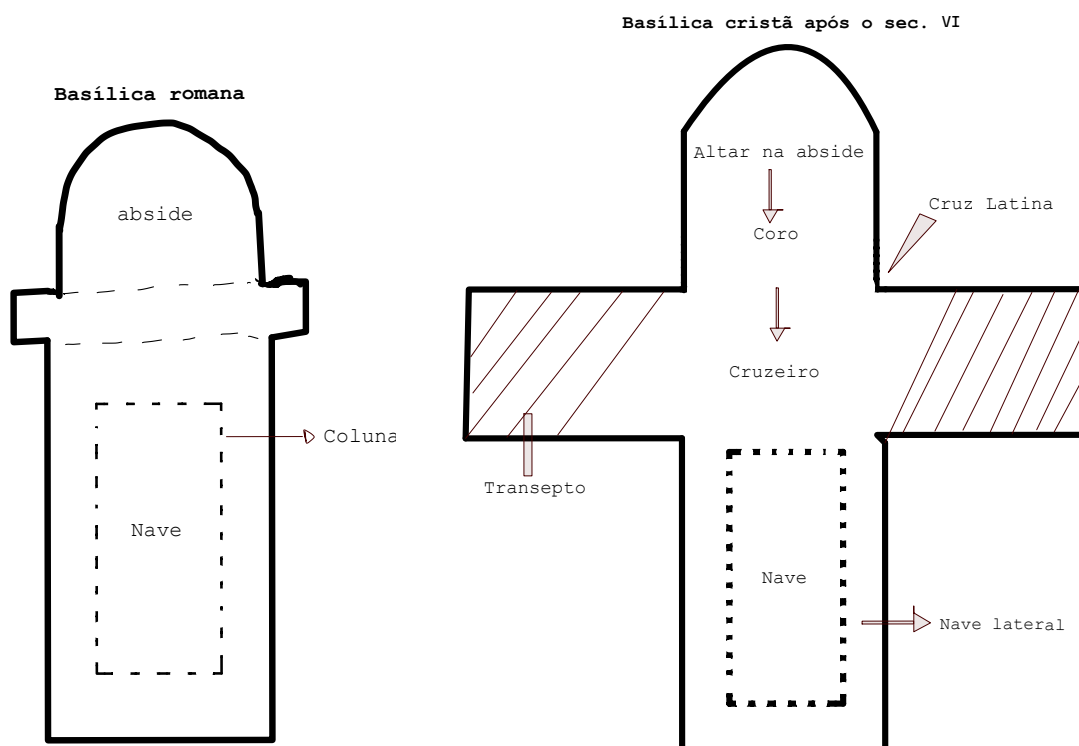


Figura 09 e 10 : Basílica romana e basílicas cristãs
Fonte: Elaboração própria.

A partir do século X, em plena idade média, surgiram os estilos artísticos, além dos formatos variados de plantas, e assim nos anos posteriores a Igreja como edifício passou a se adaptar aos estilos arquitetônicos de cada época, como o Românico, durante toda a Idade Média, o gótico no fim da Idade Média, e o clássico renascentista, entre os séculos XV e XVI (MACHADO, 2007). Os períodos românico e gótico, a partir do século XI, utilizaram complexas abóbadas de pedra como coberturas das naves, uma vez que as cobertas de telha e madeira facilmente se incendiaram.

(MACHADO, 2001).

O estilo românico, segundo Glancey (2001), tem aparência exterior de fortaleza, se utilizando de materiais como pedras, possuindo aspectos mais rústicos e ásperos. Interiormente, possui um estilo cavernoso, com a decoração talhada no tecido estrutural, e não acrescentada a ele. A planta era maioritariamente cruciforme, possuindo três naves cobertas por abóbadas, que impossibilitaram a colocação de janelas nas paredes laterais, sendo o número reduzido de aberturas uma característica deste tipo de arquitetura

(MELO apud AMOREIRA, 2020).

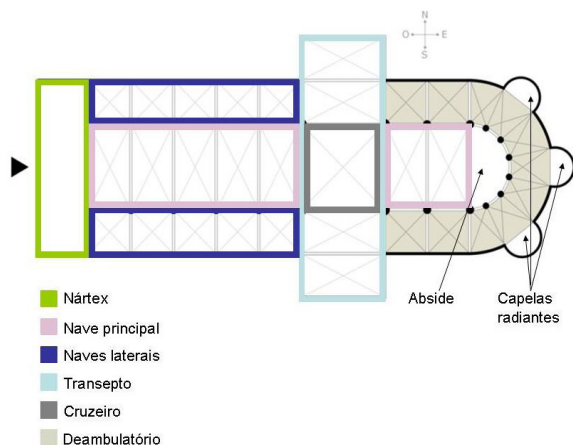


Figura 11: Igreja de Santa Maria Del Naranco

Fonte: <https://www.estilosarquiteticos.com.br>



Figura 12: Igreja de Saint Foy – Conques

Fonte: <https://www.estilosarquiteticos.com.br>

Figura 13: planta baixa de igreja Romanica

Fonte: <https://umolharsobrearte.com>

O estilo Gótico é determinado pela altura e formato surpreendentes, como se observa na catedral de Milão (fig 15). O volume vertical da arquitetura, a luz filtrada pelos vitrais (fig 19), as imagens da Virgem, as imagens piedosas. A imagem do Cristo antes apresentada com uma coroa imperial, aparece com a coroa de espinhos e é salientado o seu sofrimento. Os princípios básicos nessas reformas eram a monumentalidade, a solidez e, sobretudo, a durabilidade (MACHADO, 2007, p. 22).



Figura 14: catedral de milão

Fonte: Acesso da autora



Figura 15: Catedral de Reims (França)

Fonte: <https://www.estilosarquitectonicos.com.br/>

Segundo Dias (2017), outro aspecto característico eram os arcos ogivais (fig 17) que davam acabamento às altas janelas, na parte de cima. Priorizava-se pela sensação de espaço dentro das catedrais góticas. As paredes, embora de pedra, passavam a aparência de leveza.

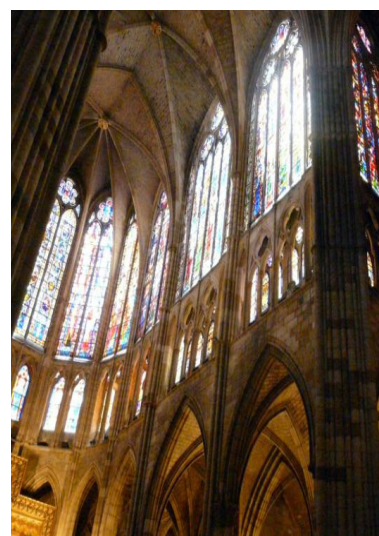
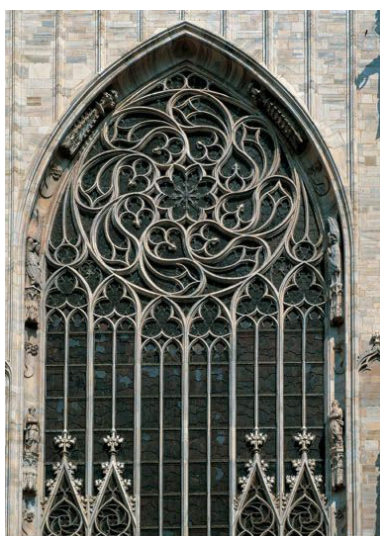


Figura 16, 17 e 18 : arco ogival; abóbodas cruzadas; vitrais e efeito luminosos.

Fonte: <https://www.estilosarquitectonicos.com.br/arquitetura-gotic>

2.1.3. A era renascentista

Sucessor do Gótico, o Renascimento, movimento artístico com origem na Itália, no final do século XIII, marca a virada da Idade Média para a Idade Moderna. É um período de diversas transformações sociais, culturais, económicas, políticas e religiosas, mas também de revalorização e progresso do Homem (AMOREIRA, 2020).

A arquitetura religiosa do Renascimento é menos espiritualizada. Há equilíbrio entre as linhas horizontais e verticais. A fachada torna-se mais humana. A igreja deixa de ter um carácter místico, espiritualizado, para se transformar numa realidade grandiosa. A ideia é que a construção deveria eternizar o presente, e não, como no passado, sugerir um amanhã incerto ou o que viria depois da morte (MACHADO, 2007).

A igreja, com planta centrada e o uso das cúpulas, é a construção escolhida para as construções religiosas renascentistas. As plantas centradas podiam ser circulares como a fig (22), mas também quadradas e retangulares. A nave é ampliada devido a questões litúrgicas. A geometria, a perspectiva e a simetria, tanto no exterior como nos espaços interiores são características evidentes da arquitetura renascentista (MELO APUD AMOREIRA, 2020).



Figura 19: Tempietto San Pietro

Fonte: <http://arquitetandocomcafe.blogspot.com/>



Figura 20: Basilica de Santa Andrea

Fonte: <http://arquitetandocomcafe.blogspot.com/>

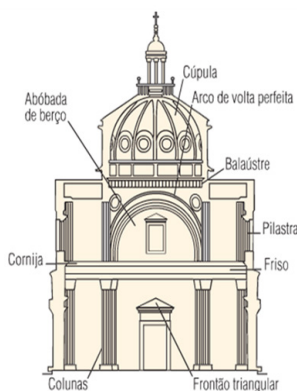
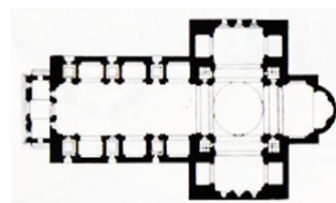
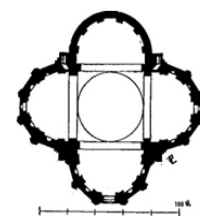


Figura 21 e 22: planta baixa circular e longitudinal.

Figura 23: principais elementos renascentistas.

Fonte: <http://arquitetandocomcafe.blogspot.com/2015/02/arquitetura-renascentista.html>

2.1.4. A contrarreforma e o barroco

O Concílio de Trento (1546 - 1563) determinou toda a organização do espaço celebrativo das igrejas até o concílio do Vaticano II. Em Trento, buscou-se organizar a liturgia, arquitetura e iconografia das igrejas até aquele momento, se tentou aproximar o povo da nave, removendo o obstáculo da cripta e coro, comuns nas igrejas, para que a assembleia pudesse acompanhar visualmente toda a celebração eucarística (MOLINERO, 2019).

A nova organização do espaço era resultado da proclamação da autoridade da Igreja e do Estado, fato crucial para promover a contra-reforma. O presbitério passou a ocupar toda a abside, dando assim acesso direto à sacristia. A iconostasis é substituída pela balaustrada. O ambão foi substituído pelo púlpito e os bancos direcionados para o presbitério. O coro é posicionado sobre o átrio principal e nas laterais da igreja, a presença de altares com imagens de santos devocionais (VENTURINI, 2014).

Segundo o cardeal Carlos Borromeo, a tipologia formal do edifício-igreja passa a ser a planta longitudinal, em antítese à planta central renascentista, perdem-se também as naves laterais, mantendo a nave central, e substituindo as naves laterais por capela, para a locação dos altares dos santos (BORRAMEO, apud MOLINERO, 2019). Um dos primeiros exemplos dessa transição impulsionada pela contra reforma foi a Igreja de Jesus, em Roma (fig 24).

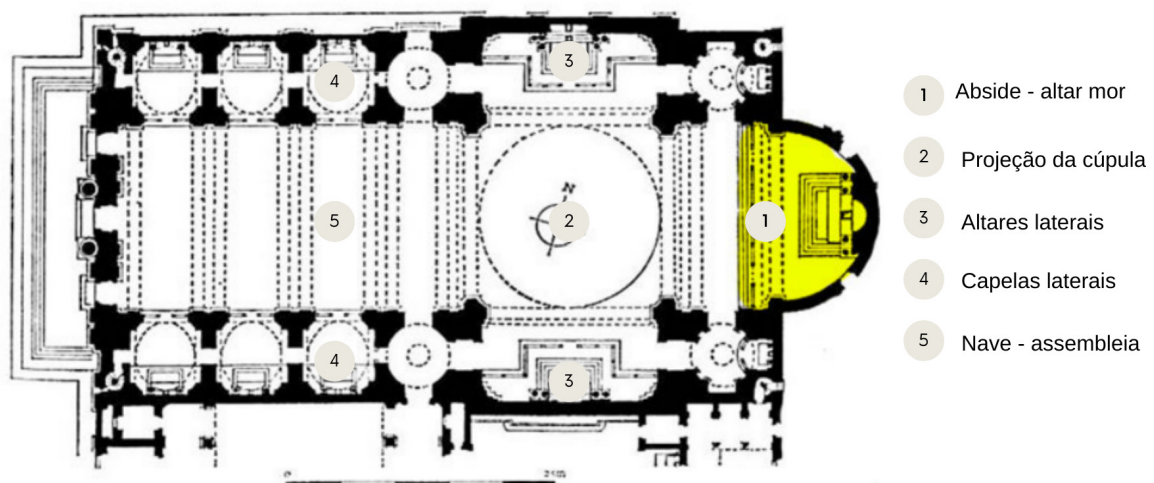


Figura 24: Planta baixa de uma igreja barroca
 Fonte: Campello, 2011. Com edições da autora

Segundo o Concílio de Trento, a arte sacra deveria resgatar a imanência divina pelas obras grandiosas. Assim, nasce o estilo barroco, a arte da contra-reforma. Segundo Machado (2001), a arquitetura barroca renuncia às pesquisas de proporcionalidade propostas pela renascença e procura novos efeitos, com o objetivo de conseguir resultados emocionais, uma beleza faustosa. Como se observa nas figuras 25 e 26, monumentalidade, interior ricamente decorado.

O estilo barroco foi dominante na construção de igrejas no Brasil, como em toda a América Latina, estilo vigente à época dos colonizadores portugueses e espanhóis (MACHADO, 2001). O barroco brasileiro se desenvolveu sob diversas facetas.

(FRADE, 2007).



Figura 27: Igreja de São Francisco de Assis, MG.
Fonte: Ricardo André Frantz



Figura 25: Igreja de San Carlo alle Quattro Fontane em Roma

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/San_Carlo_alle_Quattro_Fontane



Figura 26 :Interior da igreja Santa Maria Della Vitoria

Fonte: <https://travelphotographexperience.com>



Figura 28: Interior da Igreja Madre de Deus, Recife-PE. Fonte: <https://visit.recife.br/o-que-fazer>

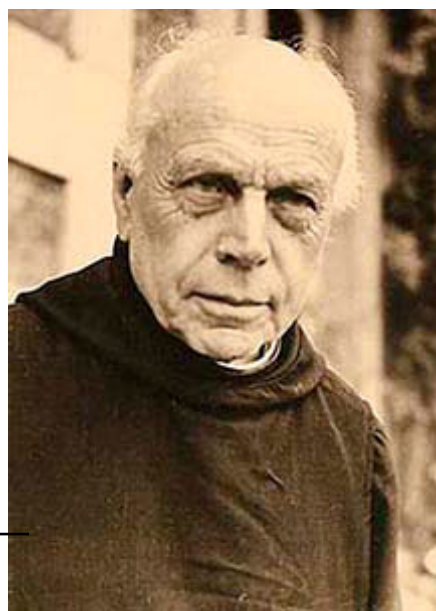
2.2. O século XX e o concílio do Vaticano II

O Movimento Litúrgico apareceu como um sinal das providenciais disposições divinas no nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo na sua Igreja para aproximar ainda mais os homens aos mistérios da fé e às riquezas da graça, que provêm pela participação ativa dos fiéis na vida litúrgica. (PAPA PIO XII)

A fala do papa Pio XII, no final do Congresso Internacional da Pastoral Litúrgica de Assis, no ano de 1956 deixa clara a preocupação da Igreja com os espaços celebrativos eucarísticos no século XX, que cresceram significativamente no período pós guerra.

2.2.1. O movimento litúrgico e a Igreja Católica

Desde o final do século XIX, surge na Europa uma corrente de teólogos alemães que questionavam os aspectos da Liturgia consolidada no Concílio de Trento e desejavam um retorno ao verdadeiro espírito cristão da celebração baseada em sua linguagem simbólica. Estes pensamentos, nascidos de padres beneditinos, na primeira metade do século XX consolidaram-se em um movimento, denominado Movimento Litúrgico no Congrès National des Oeuvres Catholiques através da liderança do monge beneditino D. Lambert Beauduin. Defendiam-se dois princípios básicos: a participação ativa dos fiéis na celebração e o retorno às fontes do cristianismo. Tais princípios norteiam experimentos no campo da Liturgia, da arte e da arquitetura. (LIMA, 2011).



Monge D. Lambert Beauduin

Figura 29

Fonte: <https://www.traditioninactiondobrasil.org/>

Segundo Esteban Fernandez, o Movimento Litúrgico pretendendo a purificação da liturgia, progrediu em 5 ideais principais: o retorno das fontes do Cristianismo, a potencialização do sentido do mistério, a devolução do protagonismo do culto a Deus, a superioridade cultural do sacrifício do altar e a conjectura da celebração litúrgica pelos fiéis. Desta forma, tudo se encaminha para o desenvolvimento de um novo espaço celebrativo, centralizado em Cristo, como teria anteriormente ocorrido nas comunidades protestantes e também nas católicas (AMOREIRA, 2020).

Para Frazão Lima (2011), no Brasil o movimento chega principalmente pelas mãos dos missionários reformadores dos mosteiros e conventos, que em sua maioria eram originários da Alemanha trazendo as concepções do Movimento e influenciando várias obras de reforma e construção. Um especial destaque deve ser dado ao monge beneditino alemão D. Martinho Michler, considerado por Silva (1983) como o “grande apóstolo da liturgia no Brasil”, que realizou um grande projeto de Reforma no Mosteiro Beneditino do Rio de Janeiro, já nos ideais do movimento litúrgico (LIMA, 2011).

Como se pode observar na reforma idealizada o ambão e o altar já estão localizados no transepto da Igreja, aproximando o sacerdote da assembleia e permitindo celebrações não tridentinas, conforme o movimento litúrgico destacava (LIMA, 2011).



Figura 30: Mosteiro beneditino antes da reforma
Fonte: Acervo de D. Mauro Fragosso, OSB. 2010.



Figura 31: Mosteiro beneditino após a reforma
Fonte: ROCHA, 1990

Ademais, segundo Captivo (2016) o início do processo de concretização das ideias do Movimento Litúrgico foi marcado pelo trabalho de divulgação da revista L'Art Sacré (França, 1937-1968), C+Q - Chiese e Quartiere (Itália, 1955-1968), ARA – Arte Religioso Actual (Espanha, 1965-1981) e Kunst und Kirche (Alemanha), desenvolvido por especialistas como Marie-Alain Couturier (1897-1955), Pie-Raymond Régamey (1900-1996), Romano Guardini (1855-1968) e Rudolf Schwartz (1905-1994).

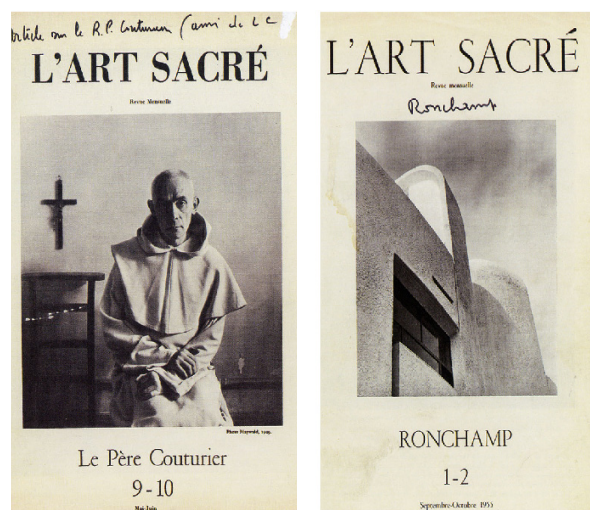


Figura 32 e 33 : Exemplos da revista L'Art Sacré
Fonte: <https://www.semanticscholar.org/paper/A-Study-on-the-Architectural-Meaning>

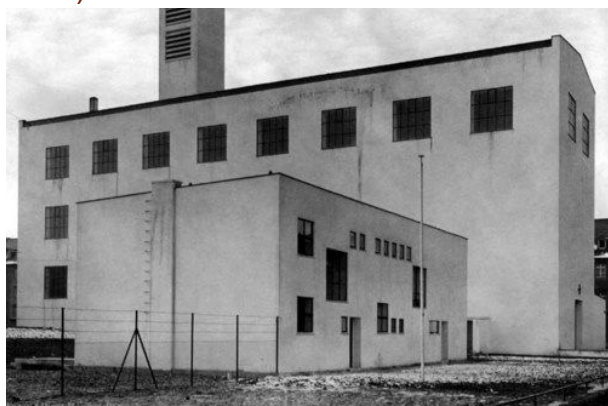


Figura 34 e 35 : Igreja St. Fronleichnam, Rudolf Schwarz, 1930

Fonte: CAPTIVO, 2016

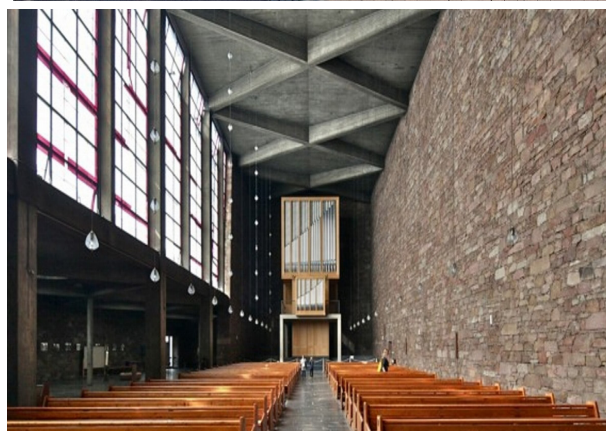


Figura 36 e 37 : Igreja St. ANNA Rudolf Schwarz, 1930

Fonte: CAPTIVO, 2016

2.2.2. O movimento litúrgico e o movimento moderno

Nas novas igrejas a grande novidade era a posição da assembleia em torno do altar e a simplicidade, marcada pela ausência de adornos. Não há elementos que desviam a atenção do fiel, nem mesmo barreiras que os dividam do presbitério. Devido às novas tecnologias de construção, a planta destas igrejas tinham forma livre, não estando mais condicionada à estrutura basilical. Os arquitetos experimentaram as mais diversas plantas: circulares, elípticas, quadradas, trapezoidais. Assim, esse rompimento com os modelos tradicionais e os conceitos de simplicidade aproximam os teóricos do movimento litúrgico dos arquitetos do Movimento Moderno (LIMA, 2011).

Para Cunha (2015), a modernização da arquitetura e a renovação da liturgia uniram-se em uma procura de comum interesse e reforçam argumentos uma da outra. Nesse sentido, o Movimento Litúrgico encontra nos princípios do Movimento Moderno – funcionalismo, depuração, autenticidade, racionalismo, clareza - uma forte correspondência. A arquitetura religiosa é repensada e renovada, não só por necessidade da Igreja, mas também por iniciativa dos próprios artistas e arquitetos de que o espírito moderno chegasse aos espaços sagrados e de culto (CAPTIVO, 2016).

Observa-se a sintonia desses discursos em igrejas construídas pelos arquitetos modernos, ainda anteriormente ao concílio do vaticano II. Nas figuras 38 e 39, vê-se a Notre Dame, em Ronchamp, de Le Corbusier, onde foi trabalhada a iluminação natural como elemento de sacralidade, paredes limpas e sem altares laterais, aspecto sóbrio dominante.



Figura 38 e 39 : Notre Dame, em Ronchamp, de Le Corbusier,

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-16931/classicos-da-arquitetura>

Nas figuras 40 e 41, percebe-se na Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha de Oscar Niemeyer, primeiro exemplar reconhecido como arquitetura religiosa modernista no Brasil (LEMOS apud SILVEIRA, 2011), o uso de materiais de concreto e madeira, formas orgânicas, limpeza no olhar, ausência de altares laterais.



Figura 40 e 41: Igreja São Francisco de Assis, Pampulha

Fonte: <https://revistasagarana.com.br/igrejas-de-sao-francisco-de-assis/>

Nas figuras 42, 43 e 44, tem-se a Capela do Monastério Beneditino da Santíssima Trindade de Las Condes de Santiago no Chile, de 1961, projetada por dois então jovens arquitetos, Gabriel Guarda e Martín Correa, com simples volumes externos em cor branca, planta em formato concêntrico e trabalho interno de efeitos de iluminação natural, também sem altares laterais, imagens sóbrias e paredes naturais.

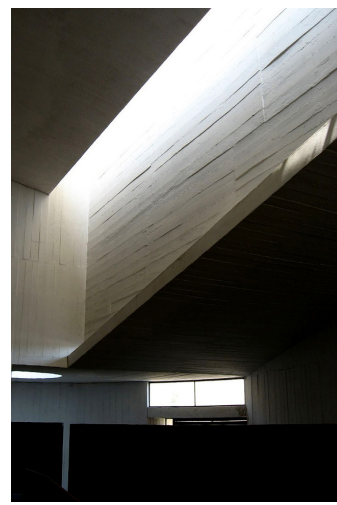
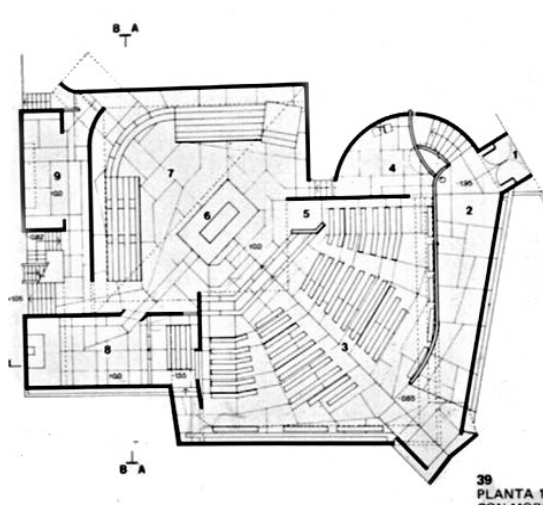


Figura 42. 43 e 44 : Capela do Monastério Beneditino da Santíssima Trindade de Las Condes

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/>

Ainda para Teresa Captivo (2016), a grande influência da arquitetura moderna na arquitetura religiosa acontece depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Um dos maiores acontecimentos arquitetônicos do século seria a reconstrução de igrejas depois do ataque à cultura cristã durante a guerra. As novas igrejas construídas permitiram aos apoiadores do movimento litúrgico criar e desenvolver arquiteturas inspiradas nos novos ideais, como na Igreja de São Bonifácio na Alemanha, de Emil Steffan (fig 45 e 46), com uma planta não basilical, Presbitério próximo da assembleia e sem a presença do altar mor, interior limpo e racional, ausência de imagens e altares de Santos.

Os novos ideais estão representados em um conjunto de características que poderiam ser resumidas em: assembleia disposta perto do altar, presbitério pouco elevado, sem o altar mor; missa voltada para os fiéis; igrejas funcionais e minimalistas, sem ornamentações exageradas; plantas livres, segundo a necessidade, não mais apenas basílicas.

Diante do crescimento e implicações decorrentes do Movimento litúrgico e de uma nova sociedade moderna, com novos hábitos e demandas, a Igreja vê a necessidade de um novo concílio ecumênico, com o objetivo de adequar suas leis e regras a esse novo contexto sócio cultural, resgatando suas tradições cristãs mais antigas e suas raízes mais genuínas no que diz respeito à Eucaristia (OLIVEIRA, 2010).

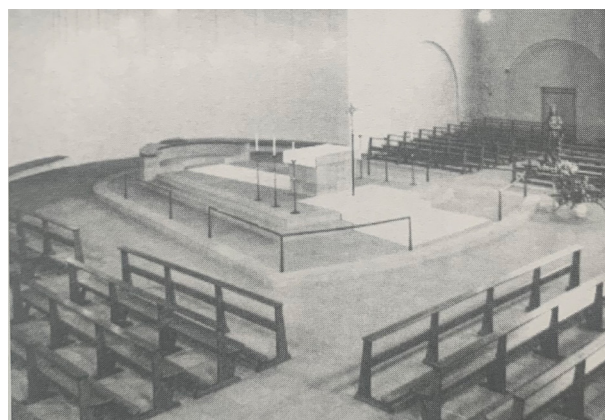


Figura 45: Igreja de São Bonifácio

Fonte: Plastro, 1993

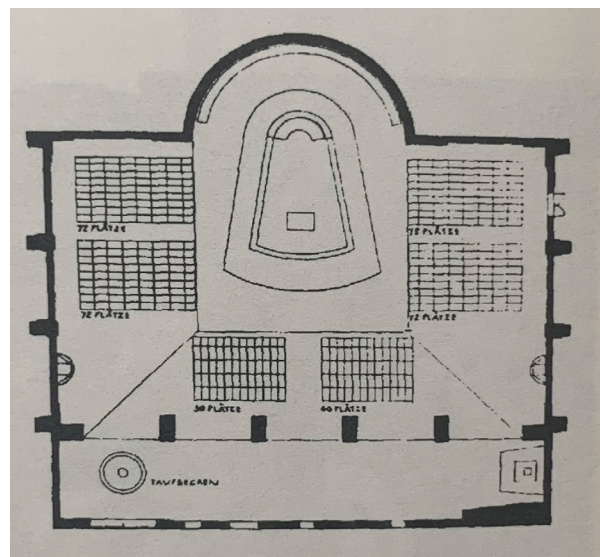


Figura 46: Planta da Igreja de São Bonifácio

Fonte: Plastro, 1993

2.2.3. O concílio do Vaticano II

O concílio do Vaticano II foi anunciado em 1958, pelo papa João XXIII e, segundo Frade (2008) muitos consideraram que havia chegado o momento da oficialização da reforma da liturgia e do espaço celebrativo que já estava sendo desejado durante o movimento litúrgico.

Assim, o Concílio Vaticano II – CV II (1962 – 1965) consolidou e oficializou as idéias do Movimento Litúrgico. Aberto oficialmente em dezembro de 1961, o primeiro tópico abordado durante as discussões conciliares foi a liturgia, sendo promulgada a Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia, a Sacrosanctum Concilium - SC em 1962. Com ela, as partes que compõem a igreja-edifício, seu uso e seus significados, ganharam novas diretrizes que definiram o atual Espaço Litúrgico Católico (LIMA, 2011). O Concílio durou três anos, durante os quais foram promulgados 16 documentos sobre a vida na igreja, a fé e a liturgia.

Segundo o atual papa da igreja católica, o Papa Francisco:

o Vaticano II foi uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea. Produziu um movimento de renovação que vem simplesmente do próprio Evangelho. Os frutos são enormes. Basta recordar a liturgia. O trabalho da reforma litúrgica foi um serviço ao povo como releitura do Evangelho a partir de uma situação histórica concreta.

PAPA FRANCISCO. Entrevista ao Diretor da revista La Civiltà Cattolica, n.3918 (19.09.2013), p.467

Assim, percebe-se como entender o concílio é um caminho para o entendimento das construções desenvolvidas formalmente após a década de 1960.

É interessante deixar claro que apesar de muito se falar sobre as mudanças trazidas pelo concílio para a arquitetura das igrejas, observa-se que, na prática, pouco se fala dos assuntos nos documentos. Como pontua Seegerer (2019), os únicos documentos conciliares que verdadeiramente citam diretamente a arquitetura são apenas o *Sacrossanctum Concilium* de 1963, e o *Presbyterorum Ordinis* de 1965.

A constituição conciliar *Sacrossanctum Concilium* debruçou-se sobre a renovação da liturgia da Igreja Católica, tendo sido o primeiro documento a ser aprovado por todos e promulgado em 1963 pelo papa Paulo VI (CAPTIVO, 2016). Estabelecendo as reformas da sagrada liturgia e do culto eucarístico, é o documento que implica diretamente na arquitetura, ditando as novas diretrizes para a concepção do novo espaço sagrado e litúrgico. As transformações arquitetônicas no espaço religioso, decorrentes do Movimento Litúrgico, como centralidade do altar, maior participação dos fiéis na celebração, redução de elementos devocionais, dentre outros, são agora consolidados com o Vaticano II (OLIVEIRA, 2010).

A Constituição é composta por sete capítulos: 1º: Princípios gerais em Ordem à Reforma e Incremento da Liturgia; 2º: O Sagrado Mistério da Eucaristia; 3º: Os outros Sacramentos e os Sacramentais; 4º: O Ofício Divino; 5º: O Ano Litúrgico; 6º: A Música Sacra; 7º: A Arte Sacra e as Alfaias Litúrgicas. Rege também a Arte Sacra, onde se insere a arquitetura, estabelecendo as novas diretrizes para o novo espaço sagrado e litúrgico.

O capítulo 7, referente à arte e arquitetura sacra, afirma que a Igreja nunca considerou um estilo como seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo, no decorrer dos séculos, um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também cultivada livremente na Igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. (SC, 1963, no . 123).

Ademais, são também oficializados os objetivos do movimento litúrgico de manter as Igrejas em forma funcional e sem o uso exagerado de imagens devocionais, com a centralidade do altar e a participação ativa dos fiéis. Por fim, o documento institui a necessidade da Comissão Diocesana de arte sacra, para julgar as obras construídas. Muito além de diretrizes arquitetônicas para o espaço, nota-se que o Concílio veio oficializar mudanças já desejadas e praticadas por teólogos e arquitetos no mundo inteiro. Assim, o que mudou para as celebrações, naturalmente possibilitou mudanças e liberdade arquitetônica, fruto de um tempo moderno.



Figura 47: Principais diretrizes do Concílio
Fonte: elaboração própria

Sendo assim, as principais mudanças, descritas no documento e nas atualizações posteriores, geradas na vida dos fiéis e da igreja que se refletiram no espaço celebrativo são:

- A disposição da assembleia dos fiéis,

constante na distribuição dos bancos, deve ser concebida, face à maior proximidade dos fiéis ao espaço celebrativo, permitindo a melhor participação e visibilidade do altar,. A atenção deve estar voltada para aquilo que realmente é o centro de toda ação litúrgica, ou seja o altar, o ambão e a cadeira do presidente (Código de Direito Canônico, Cânon 1216), para que possam participar devidamente das ações sagradas com os olhos e o espírito.

- O presbitério:

lugar onde se encontra o altar, onde é proclamada a palavra de Deus, deve ser colocado e construído de maneira que apareça sempre como sinal do próprio Cristo, lugar onde se realizam os mistérios da salvação e como centro da assembléia dos fiéis, ao qual se deve o máximo respeito.” (Instrução sobre o culto do mistério eucarístico, Sagrada Congregação dos Ritos, 24).

- O altar,

deve “ser construído afastado da parede, a fim de ser facilmente circundado e nele se possa celebrar de frente para o povo, o que convém fazer em toda parte onde for possível. O altar deve ocupar um lugar que seja de fato o centro para onde espontaneamente se volte a atenção de toda a assembleia dos fiéis. Normalmente seja fixo e dedicado”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 299).

- O ambão,

seja disposto de tal modo em relação à forma da igreja que os ministros ordenados e os leitores possam ser vistos e ouvidos facilmente pelos fiéis. Do ambão são proferidas somente as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e a oração universal ou oração dos fiéis, de modo geral, convém que esse lugar seja uma estrutura estável e não uma simples estante móvel.

- A cadeira do sacerdote celebrante

deve manifestar a sua função de presidir a assembleia e dirigir a oração. Evite-se toda espécie de trono. Disponham-se também no presbitério cadeiras para os sacerdotes concelebrantes, bem como para presbíteros que, revestidos de veste coral, participem da celebração, sem que concelebram.

- O sacrário.

Segundo a Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre o culto do Mistério Eucarístico(n. 49), a sagrada espécie deve ser conservado num tabernáculo, colocado em lugar de honra da igreja, suficientemente amplo, visível, devidamente decorado e que favoreça a oração. O lugar do oratório onde se conserva a Eucaristia no sacrário seja realmente nobre. Ao mesmo tempo, convém que ele seja também apropriado para a oração particular, de modo que os fiéis, com facilidade e proveito, continuem a venerar, em culto privado, o Senhor no Santíssimo Sacramento. Por isso, recomenda-se que o sacrário, na medida do possível, seja colocado numa capela separada da nave central da igreja (Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre o culto do Mistério Eucarístico, n. 53).

- O lugar do coro,

definido pela disposição geral da igreja, deve, no entanto, lembrar que eles fazem parte da assembleia, devendo isto ficar claro, inclusive pela sua localização. Assim, não mais tem sentido sua localização em coro alto, afastado e diferenciado da assembleia. (Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução sobre a Música na Liturgia).

- “A ornamentação do local contribui muito para expressar o sentido do templo”. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Animação da vida litúrgica no Brasil, Documento 43, n. 143. Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 45, 56, 128, 88, 78, 127.) “Na ornamentação do altar observe-se moderação. A ornamentação com flores seja sempre moderada e, em vez de se dispor o ornamento sobre o altar, de preferência seja colocado junto a ele”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 305).

- A presença de imagens

do Senhor, da Senhora ou dos santos é recomendada não só pelo código de Direito Canônico (Cânon 1188), como também por outros documentos do Magistério, recomendando, ainda, seu número moderado e na devida ordem. Trata-se de lembrar, através daqueles que nos precederam, como intercessores junto ao Pai. Porém, cuide-se que o seu número não aumente desordenadamente, e sua disposição se faça na devida ordem, a fim de não desviarem da própria celebração a atenção dos fiéis. Normalmente não haja mais de uma imagem do mesmo santo. De modo geral procure-se na ornamentação e disposição da igreja, quanto às imagens, favorecer a piedade de toda a comunidade e a beleza e a dignidade das imagens”. (Instrução Geral sobre o Missal Romano, n. 318).

- O batistério,

ou lugar onde a fonte batismal jorra água ou está colocada, seja destinado exclusivamente para o rito do batismo, um lugar digno, onde renascem os cristãos pela água e pelo Espírito Santo. Quer esteja situado em alguma capela dentro ou fora do recinto da igreja, quer em alguma outra parte da igreja, à vista dos fiéis, deve ter tal amplitude, que possa conter o maior número possível de pessoas presentes”. (As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos – Iniciação Cristã, n. 25). O local reservado para a administração do sacramento do Batismo deverá ser especial e devidamente amplo para batizados em comunidade.

As novas orientações para a disposição da assembleia e do presbitério permitiram uma significativa variedade de soluções em planta baixa, que puderam ser delineadas, possibilitando grande liberdade arquitetônica para as novas igrejas construídas, veja alguns exemplos na figura 48. Contudo, na construção e restauração de igrejas, usando o conselho de peritos é imprescindível observar princípios e normas da liturgia e da arte sacra promulgada pelo Concílio. (Código de Direito Canônico, Cânon 1216).

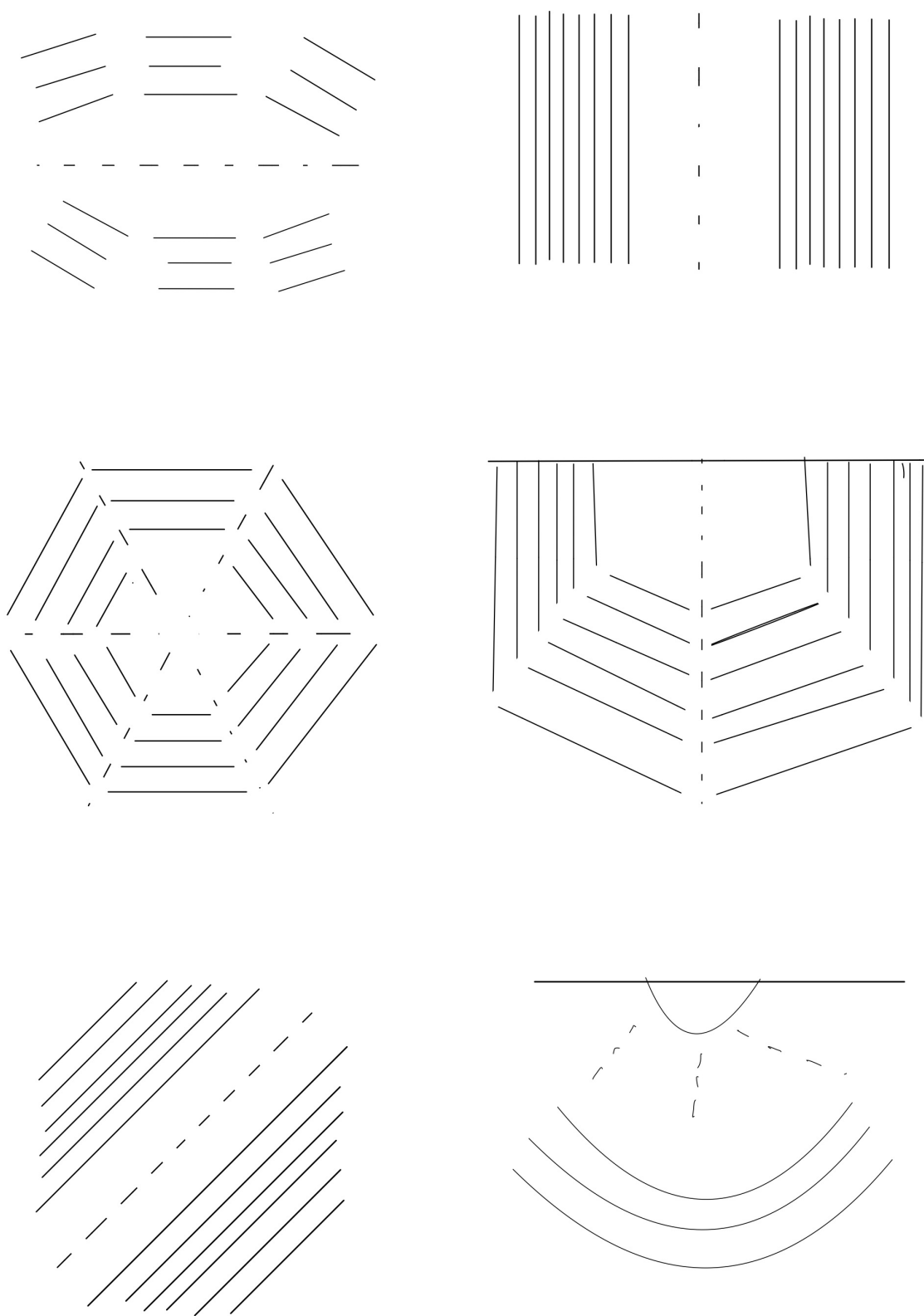


Figura 48: Novos formatos de plantas
Fonte: Segundo Plastro, 1993, desenhos da autora

03. O ESTUDO DE CASO

Igreja Nossa Senhora de Fátima, João Pessoa-PB



A Igreja Nossa Senhora de Fátima fica localizada no Bairro Miramar em João Pessoa, Paraíba. Inaugurada em meados da década de 1970, o projeto foi desenvolvido para substituir a igreja de aspectos antigos, que segundo o livro de tombo da paróquia, no fim da década de 1960, encontrava-se em estado precário e à mercê de um desmoronamento, conforme atestavam laudos técnicos dos engenheiros militares Ramiro Batista e João Magalhães. Para o novo projeto, foram contratados os arquitetos Carlos Alberto da Cunha e Edmundo Ferreira, com escritório em Recife.

A igreja, localizada no Bairro Miramar, estava afastada do centro, mas ao mesmo tempo próxima às praias, perto da principal via de acesso centro-praia, a avenida Epitácio Pessoa. Era a matriz responsável por todas as capelas das praias de João Pessoa até o final da década de 1990, conforme informações contidas no livro de tombo da Igreja.



Figura 49 :Planta de localização da Igreja Nossa Senhora de Fátima
Fonte: Google Earth e edições próprias

À época que o projeto foi desenvolvido, do final dos anos 1960 para o início dos anos 1970, o Brasil estava vivendo a ditadura militar (1964 - 1985), assim de acordo Araujo (2010) com a política de expansão econômica do “milagre brasileiro”, a cidade experimentou um crescimento e modernização de algumas áreas. A região litorânea passou a se desenvolver devido a construção de unidades habitacionais de alto padrão financiadas com recursos do Sistema Financeiro de Habitação (SFH) que propiciaram um adensamento significativo das áreas situadas nos bairros nobres entre o Centro e o litoral, especialmente em Tambaú. Assim, a ocupação gradativa dos bairros litorâneos reforçava a ideia de que essa ocupação do solo passava a ser constante.

As casas de veraneio, por exemplo, transformaram-se em residências permanentes e o comércio começava a surgir nestas regiões, consolidando aos poucos o eixo de expansão urbana originada nas praias de Tambaú e Cabo Branco, seguindo pelas praias de Manaíra e Bessa (GONÇALVES, 1999 APUD ARAÚJO, 2010)



Figura 50 : Praia de Tambaú em 1968, antes da construção do hotel Tambaú.

Fonte: IBGE



Ruy Carneiro

Epitácio
Pessoa

Figura 51 : Encontro da Ruy Carneiro com a Epitácio em 1975.

Fonte: IBGE



Figura 52 : Clube Esporte Cabo Branco, 1971

Fonte: CABO, 1971

No bairro de Miramar também foi edificado o Clube Cabo Branco, centro social da sociedade à época, inaugurado em 1955.

3.1. Sobre a autoria

Carlos Alberto Carneiro da Cunha (1931 -) é um arquiteto paraibano, radicado em Recife, que teve ampla atuação em projetos residenciais modernos na cidade de João Pessoa. Formado em 1958 na escola de Belas Artes pernambucana, em 1963 iniciou sua atuação na cidade pessoense. Suas primeiras obras na capital paraibana estavam relacionadas tanto com laços familiares, o Conjunto “13 de Maio”, incorporado por seu irmão Fernando Carneiro da Cunha, em 1963, quanto por laços de amizade, a Residência Adrião Pires e a reforma do clube Astréa se deram em parceria com Mário Di Lascio, com quem estudou no curso de arquitetura (PEREIRA, 2008).

Carlos Alberto da Cunha, juntamente com arquitetos como Roberval Guimarães, Mário Di Lascio e Tertuliano Dionísio, fez parte da renovação do quadro dos arquitetos atuantes na cidade de João Pessoa, que em sua maioria eram nascidos e formados no Brasil e com laços familiares na Paraíba. O novo grupo realizou seus estudos e o início de suas atividades profissionais, num tempo em que a arquitetura moderna estava consolidada no país, as realizações brasileiras tinham amplo reconhecimento no exterior e era significativo o número de publicações especializadas em circulação (PEREIRA, 2008).

Apesar de sua produção ter sido sinalizada por algumas pesquisas, até onde se sabe o projeto para a Igreja de Nossa Senhora de Fátima ainda não havia sido investigado e a atribuição de autoria foi possível apenas após a pesquisa nos livros de tombo.



Figura 53, 54 e 55 : Residência Adrião Pires, projeto de Carlos Alberto Carneiro e Mário Di Lascio
Fonte: Arquivo Pessoal de Carlos Carneiro

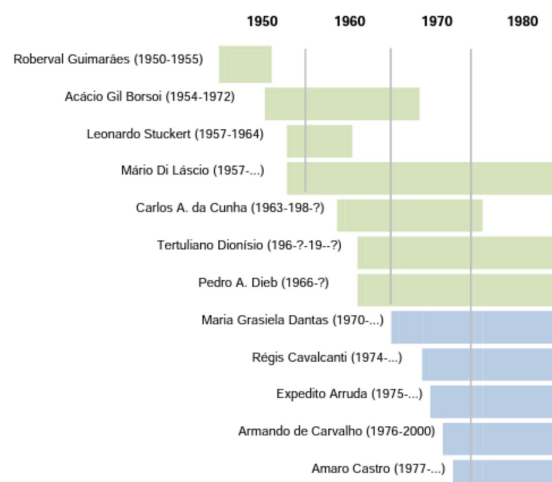


Figura 56 : arquitetos contemporâneos a Carlos Carneiro
Fonte: Santos, 2014

Sobre o arquiteto Edmundo Ferreira Barros há poucas referências e não se sabe como se deu a relação dele com Carlos Alberto da Cunha. Além da colaboração no projeto da Igreja Nossa Senhora de Fátima, sabe-se, através do trabalho de Araújo (2010), que os projetos da Residência José Juvêncio de Almeida filho, em 1977, da Residência Aécio Pereira Lima, em 1978, da Residência Tulio Augusto Neiva de Moraes, em 1978, e da Residência Jacy Cavalcanti, em 1979, foram realizados por esta parceria. Ademais, um anuário dos professores da UFPE de 1985, indica que Edmundo também enquadrou o quadro do corpo docente da Instituição.

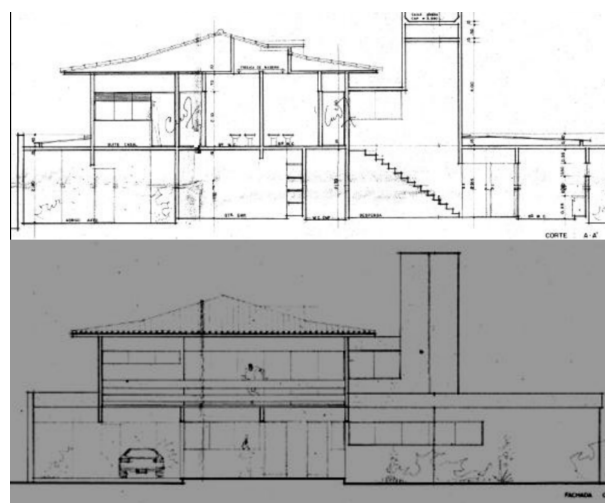


Figura 57 e 58 : Residência José Juvêncio
Fonte: Arquivo central da PMJP com edições de Araújo, 2010

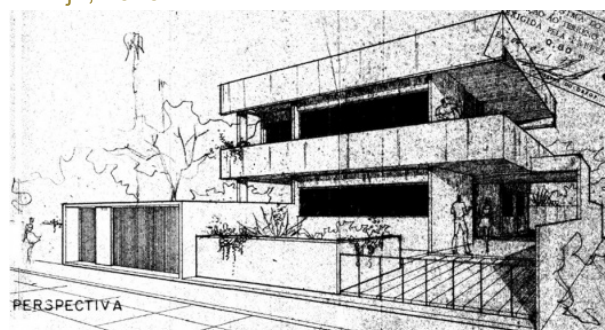


Figura 59 : Residência Jacy Cavalcanti
Fonte: Arquivo central da PMJP com edições de Araújo, 2010

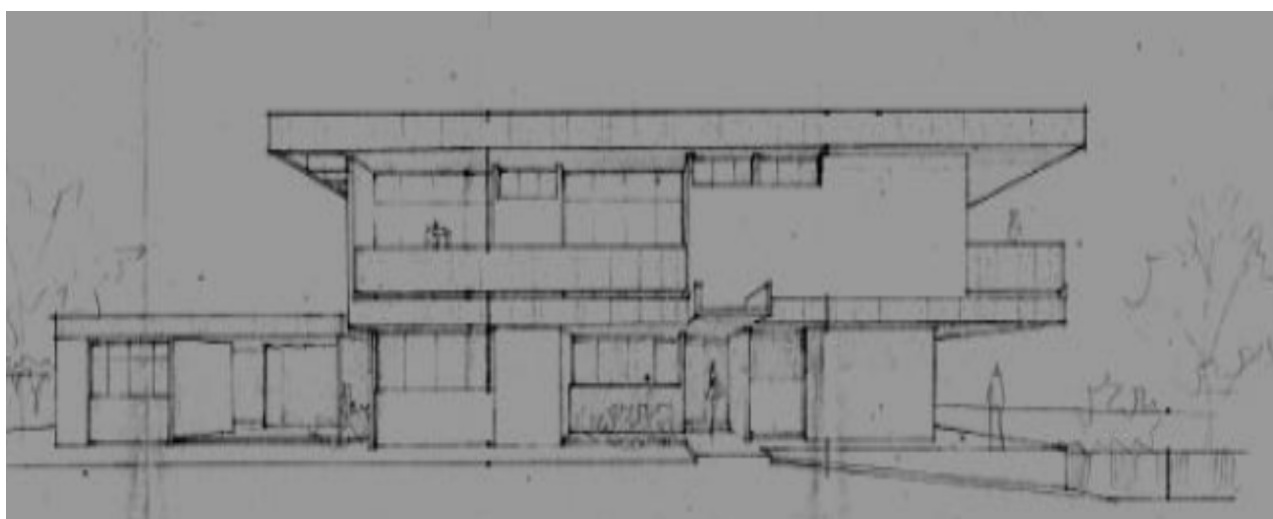


Figura 60 : Residência Aécio Pereira Lima
Fonte: Fonte: Arquivo central da PMJP com edições de Araújo, 2010

Como o Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB foi criado em 1975, os arquitetos que atuavam na cidade nas décadas anteriores se formavam em outras escolas, sobretudo em Recife ou no Rio de Janeiro. A chamada “escola pernambucana” teria formado uma geração resultante da renovação do quadro de professores iniciada em finais dos anos 1940, motivada pelo afastamento de professores, focada na ampliação do número de docentes efetivamente formados em arquitetura e no reforço da orientação moderna do curso. De acordo com Pereira (2008), a chegada de novos professores se iniciou com a contratação, em 1949, do italiano Mario Russo, seguida, em 1951, pelo italiano Filippo Mellia e pelo carioca Acácio Gil Borsoi. Não por acaso, todos esses docentes tinham em comum a formação em arquitetura (PEREIRA, 2008).

Quanto à preocupação ambiental, para Amorim (2001), a necessidade de adequar a arquitetura às peculiaridades do clima quente e úmido, levou o arquiteto pernambucano Luiz Nunes e seus colaboradores, desde os anos de 1930, buscarem formas de adequações climáticas. Porém, tem-se maior evidência deste paradigma nos múltiplos experimentos realizados pelas gerações de arquitetos frutos da escola, que tentaram uma perfeita adequação da arquitetura moderna aos condicionantes climáticos locais (AMORIM, 2001).

Dois aspectos caracterizam o exercício continuado dos arquitetos para atender satisfatoriamente ao paradigma ambiental. O primeiro, é o uso limitado de documentos técnico-científico por parte dos profissionais. O segundo, era o experimentalismo, incentivado pela avaliação intuitiva das propostas projetivas realizadas. A conjugação desses dois fatores, possibilitou o desenvolvimento de princípios genéricos para a construção de edificações no trópico úmido, posteriormente sintetizados por Armando de Holanda, em 1976, em seu singelo, mas seminal, Roteiro para Construir no Nordeste. (AMORIM, 2001)

O livro de Armando de Holanda sintetiza princípios que eram aparentemente comuns a toda uma geração de arquitetos atuantes em Pernambuco, entre os quais estariam Carlos Alberto Carneiro da Cunha e Edmundo Ferreira Barros.

“Começamos por uma ampla sombra, por um abrigo protetor do sol e das chuvas tropicais; por uma sombra aberta, onde a brisa penetre e circule livremente retirando o calor e a umidade; por uma sombra amena, lançando mão de uma cobertura ventilada, que reflita e isole a radiação do sol; por uma sombra alta, com desafogo do espaço e muito ar para se respirar” (HOLANDA, 1976)

Reforçando a noção de espaço contínuo, buscando reduzir as paredes, tornando-as mais finas, transparentes, semi abertas, seletivamente permeáveis, reduzidas ao necessário. Venezianas, brises e cobogós garantem a privacidade e, ao mesmo tempo, possibilitam a entrada do ar, criando ambientes sombreados, agradáveis e protegidos, que orquestram a vida familiar. (HOLANDA, 1976)

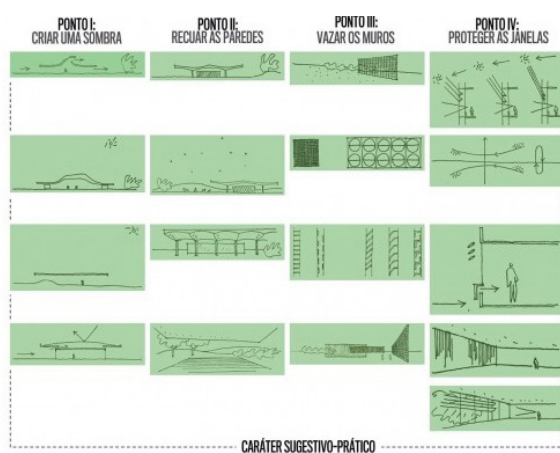


Figura 61 : Pontos do Roteiro Para construir
Fonte: Liau/DAU/UFPE, 2013

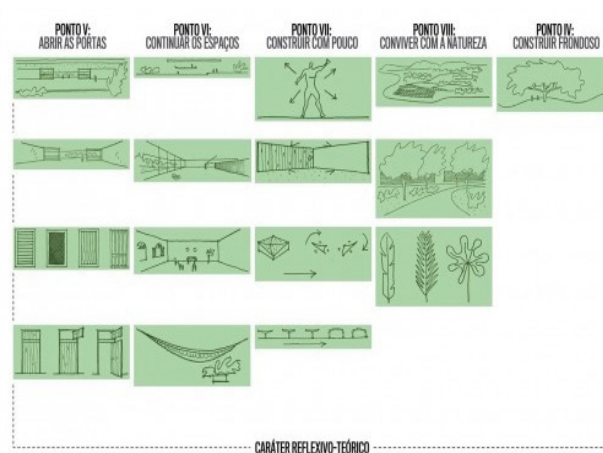


Figura 62 : Pontos do Roteiro Para construir
Fonte: Liau/DAU/UFPE, 2013

3.2. Implantação e volumetria

A igreja é uma construção robusta de vão interno livre e pé direito avantajado, implantada em um terreno triangular que ocupa toda a quadra. A volumetria ortogonal abriga tanto a nave central, com a disposição da assembleia e presbitério, quanto um salão paroquial, com pavimento superior, para as formações dos grupos pastorais e outras questões administrativas da paróquia, além do gabinete do padre.

É importante lembrar que os salões paroquiais, também chamados de ambientes para atendimento pastoral, se tornaram essenciais nos projetos das Igrejas após o Concílio do Vaticano II, para acolher a palavra do magistério da Igreja que direciona o acolhimento dos fiéis.

A entrada principal estava voltada para a face norte, e as faces leste e oeste, maiores, foram protegidas por brises de concreto, de maneira a controlar a incidência solar no interior.

A direção dos ventos na cidade é predominantemente sudeste na maior parte do ano. Dessa forma, possivelmente para manter a ventilação natural, mas proteger o interior da edificação do sol constante, os arquitetos incluíram esquadrias de madeira, com aberturas tipo venezianas.

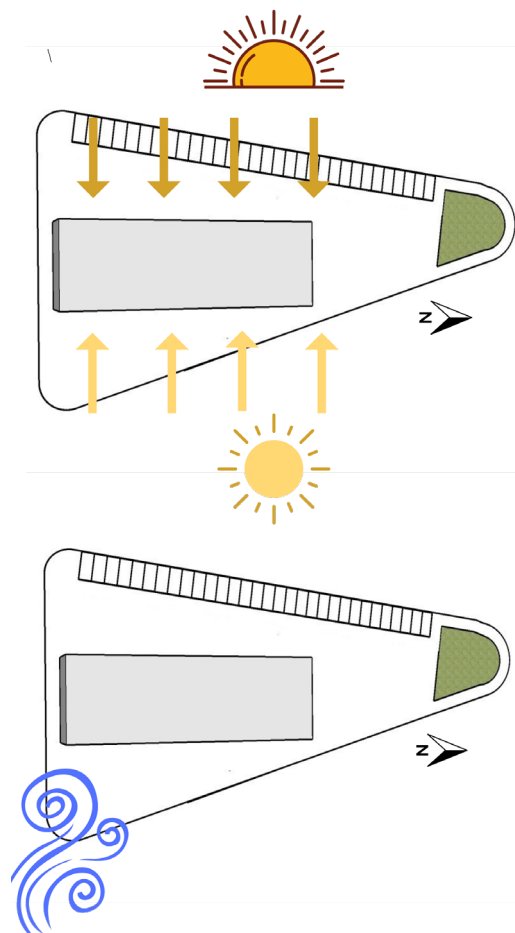


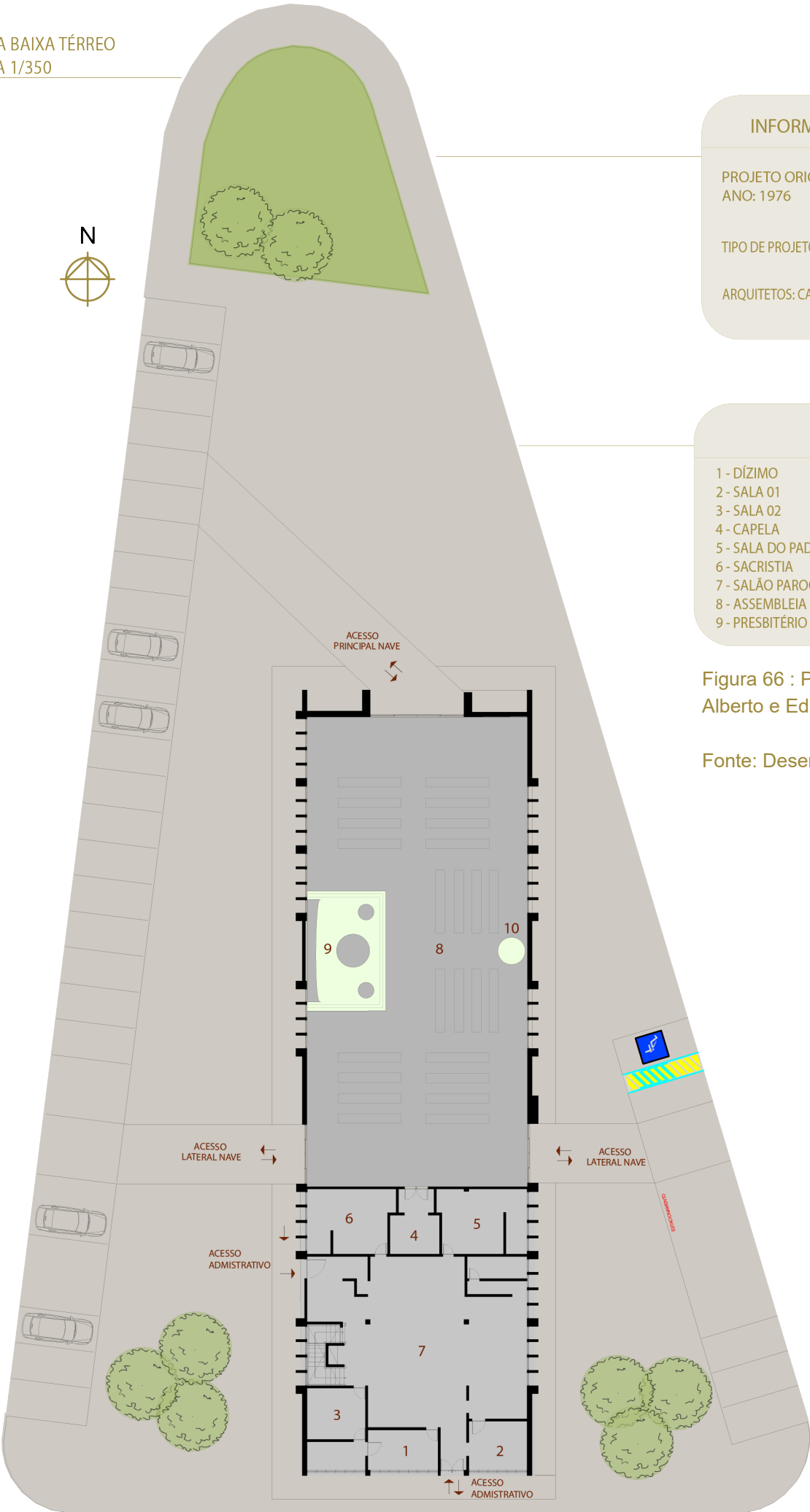
Figura 63 e 64 : Diagramas do sol e dos ventos.
Fonte: Elaboração própria.

3.3. O projeto original

Segundo o livro de tombo da Igreja, inicialmente a proposta pedida aos arquitetos foi de aproveitar os alicerces da Igreja antiga que viria ser demolida. Entretanto, após os primeiros estudos, os arquitetos noticiaram a comissão de arte Sacra que esse fator limitava o desenvolvimento criativo e as possibilidades projetuais, e foram liberados dessa solicitação. Ademais, o documento atesta que o padre da paróquia desejava um projeto formal e moderno, que se assemelhasse tanto aos princípios do Concílio do Vaticano II quanto ao ideal de modernidade, o que ofereceu certa liberdade criativa aos arquitetos.



Figura 65 : Fachada Norte e Entrada Principal da Igreja
Fonte: Livro de Tombo.



INFORMAÇÕES DE PROJETO

PROJETO ORIGINAL
ANO: 1976

TIPO DE PROJETO: CONSTRUÇÃO

ARQUITETOS: CARLOS ALBERTO E EDMUNDO FERREIRA

LEGENDA

- | | |
|---------------------|-----------------|
| 1 - DÍZIMO | 10 - BATISTÉRIO |
| 2 - SALA 01 | |
| 3 - SALA 02 | |
| 4 - CAPELA | |
| 5 - SALA DO PADRE | |
| 6 - SACRISTIA | |
| 7 - SALÃO PAROQUIAL | |
| 8 - ASSEMBLEIA | |
| 9 - PRESBITÉRIO | |

Figura 66 : Planta original por Carlos Alberto e Edmundo Ferreira

Fonte: Desenhada pela autora

Segundo o Padre Everaldo Peixoto, coordenador da Comissão Arquidiocesana (LIVRO DE TOMBO), a posição do altar concêntrico em relação a assembleia, centraliza todo o povo de Deus aproximando-o e atraindo-o ao altar, de onde emanam as fontes de vida geradas na redenção.

Além disso, é importante notar que além do vão livre e da assembleia perto do altar, o sacrário é alocado separadamente, reservando lugar para oração (fig 68).

Fazendo valer os princípios de preocupação climática da chamada arquitetura moderna brasileira, as aberturas laterais opostas permitem a ventilação cruzada em praticamente toda a extensão do edifício, já as janelas, apesar de serem posicionadas nas fachadas de maior incidência solar, são protegidas por brises.

Os brises de concreto (fig 69), localizados externamente, trabalham para driblar os efeitos solares das fachadas leste e oeste, juntamente com as esquadrias com venezianas.

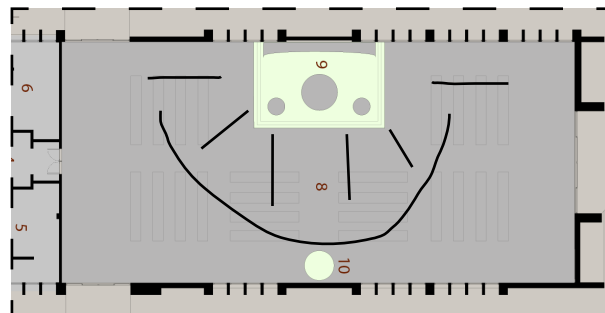


Figura 67 : planta baixa da nave principal

Fonte: elaboração da autora



Figura 68 : Foto da Igreja

Fonte: elaboração da autora



Figura 69 : Brises de concreto externos nas fachadas leste e oeste

Fonte: Livro de Tombo.

De acordo com os princípios estudados, o projeto da igreja responde às novas propostas implantadas com a reforma litúrgica. A relação altar-presbitério-sacrário-assembleia está adequada, devidamente separada e com fluxos bem definidos.

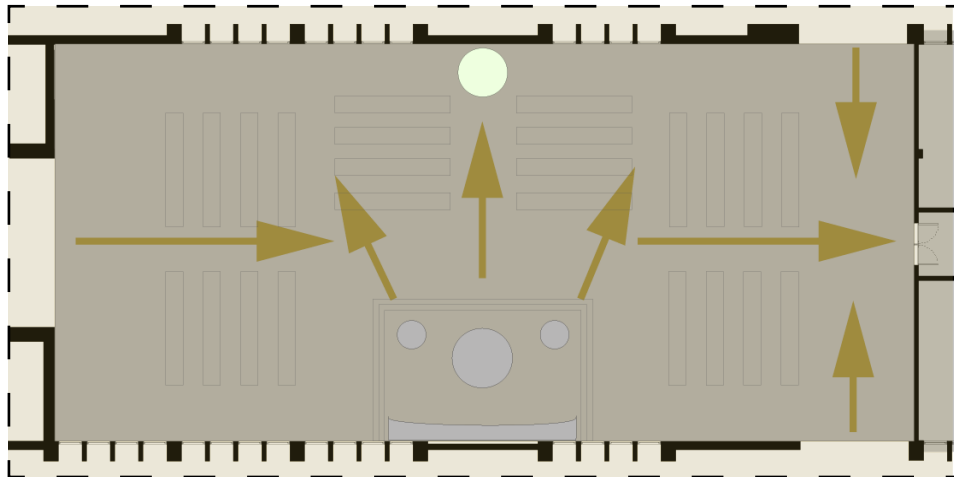


Figura 70 : Planta mostrando os fluxos

Fonte: Elaboração da autora

Com as fotos existentes, percebe-se que não há a presença de altares laterais, nem vitrais ou imagens exacerbadas. Nas paredes, a tintura predominante é branca, realçadas pelas esquadrias em madeira. Tudo se concebe na simplicidade dos materiais, de maneira limpa e digna, tal como prega a reforma litúrgica e o movimento moderno. A materialidade segue limpa e funcional, o piso cerâmico demarca em sua paginação o direcionamento para a capela. A cobertura é de telhas, e as vigas são de madeira maciça.



Figura 71 : Foto do altar original

Fonte: Livro de Tombo.



Figura 72 : Presbitério original

Fonte: Acervo de Marcos Santana

3.4 Reformas posteriores

Após a inauguração em 1976, a Igreja foi objeto de reformas. Após o seu Jubileu de 25 anos, no início dos anos dois mil, observou-se a necessidade de ampliação, uma vez que a paróquia havia crescido e o tamanho não mais comportava todos os fiéis. Além disso, a disposição da assembleia perante o presbitério levava a uma parte dos bancos serem posicionados de forma não ergonômica. Pelo menos três momentos ilustram os processos de adequações, com projetos em 2008, 2012-2015 e 2018 - atualmente, os quais chamamos de Fase 01, Fase 02 e Fase 03, respectivamente.



Figura 73 : fachada original

Fonte: Livr de Tombo.



Figura 74 : fachada atual

Fonte: Acervo Marcos Santana

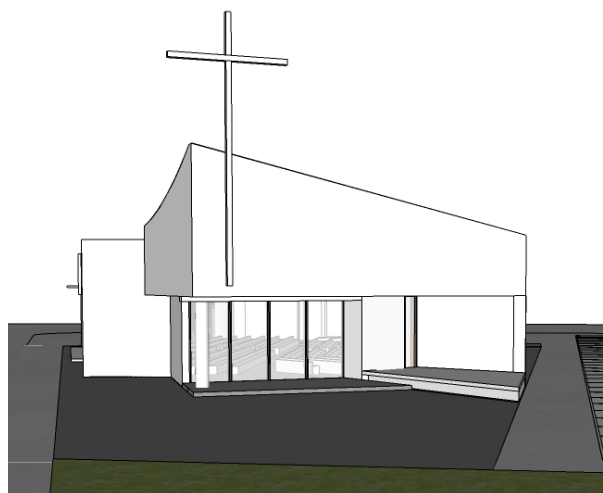


Figura 75 : Proposta de Expedito Arruda

Fonte: Maquete 3D, elaboração própria.



Figura 76 : Proposta de Marcos Santana

Fonte: Acervo Marcos Santana

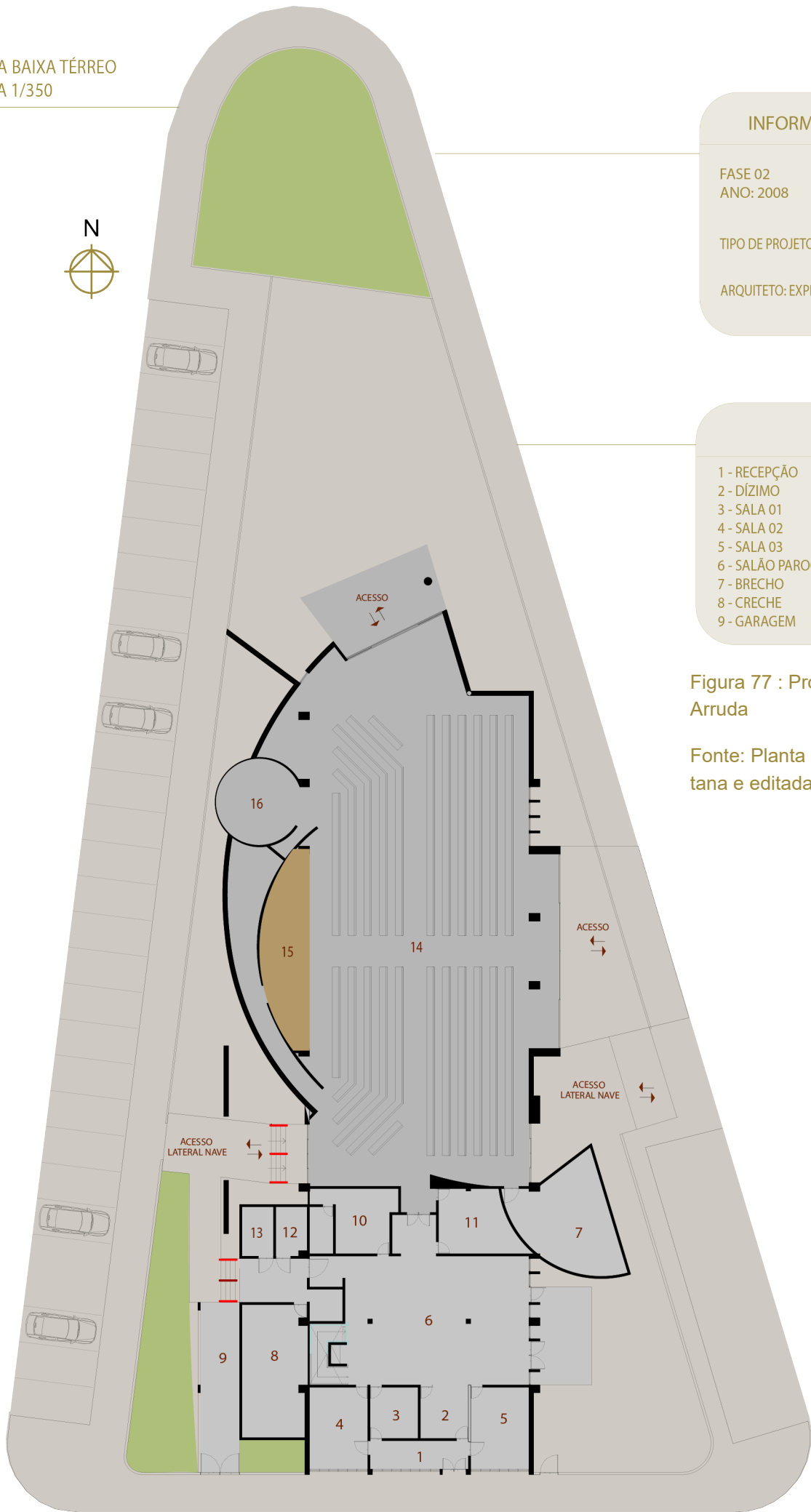
Fase 01 (2008 - 2011)

Em 2008, foi aprovado o projeto de reforma e ampliação da Igreja idealizado pelo arquiteto paraibano Expedito Arruda.

Expedito Arruda graduado na antiga escola de Belas Artes pernambucana em 1974. Segundo PEREIRA (2008) faz parte da terceira geração de arquitetos que atuaram na capital paraibana até as primeiras turmas formadas pelo curso de arquitetura e urbanismo da UFPB. Assim, observa-se que Expedito foi fruto da mesma geração de professores que Carlos Carneiro, tanto que fez referência a Delfim Amorim, Wandenkolk Tinoco, além de Armando de Holanda, Vital Pessoa de Melo e Acácio Borsoi, como professores marcantes. (ARRUDA apud ALVES, 2022)

Além de uma atuação expressiva na capital, o arquiteto ingressou como professor na Universidade Federal da Paraíba ainda em 1977, e lá lecionou por cerca de 15 anos. (ALVES, 2022)

Expedito propôs uma grande reforma, que incluiria a demolição das paredes externas da nave, ampliando o volume e também o centro administrativo. Observa-se também traços mais orgânicos e circulares, como se percebe na planta do projeto abaixo (fig 77):



INFORMAÇÕES DE PROJETO

FASE 02
ANO: 2008

TIPO DE PROJETO: REFORMA E AMPLIAÇÃO

ARQUITETO: EXPEDITO ARRUDA

LEGENDA

- | | |
|---------------------|------------------------|
| 1 - RECEPÇÃO | 10 - GABINETE DO PADRE |
| 2 - DÍZIMO | 11 - SACRISTIA |
| 3 - SALA 01 | 12 - WC MASCULINO |
| 4 - SALA 02 | 13 - WC FEMININO |
| 5 - SALA 03 | 14 - ASSEMBLEIA |
| 6 - SALÃO PAROQUIAL | 15 - PRESBITÉRIO |
| 7 - BRECHO | 16 - CAPELA |
| 8 - CRECHE | |
| 9 - GARAGEM | |

Figura 77 : Proposta de Expedito Arruda

Fonte: Planta cedida por Marcos Santana e editada pela autora

Percebe-se que Expedito Arruda propôs a continuidade da disposição do altar e assembleia porém ampliando significativamente o número de bancos e resolvendo as questões ergonômicas (fig 79), uma vez que nenhum fiel precisaria virar a cabeça para olhar o altar. As formas circulares trabalham questões de cheios e volumes, trazendo dinamicidade à fachada. Haveria também melhor desenvolvimento paisagístico. Entretanto, apesar de manter as organizações espaço-funcionais internas, o projeto se desenvolveria através de grandes rupturas e reformas das fachadas externas, praticamente criando outra igreja, como se observa na figura 78, em amarelo todas as paredes a serem demolidas.



Figura 78 : Planta de Demolição proposta
Fonte: Elaboração da autora segundo Projeto

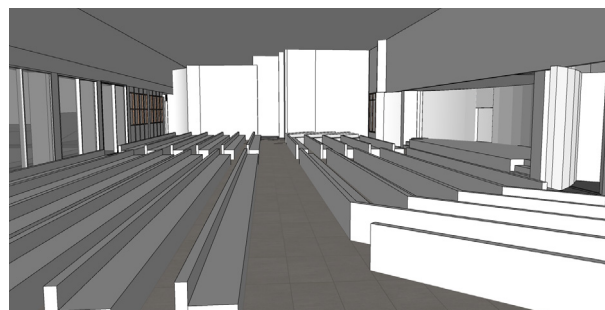


Figura 79: Maquete branca 3D do projeto interno de Expedito
Fonte: Elaboração da autora

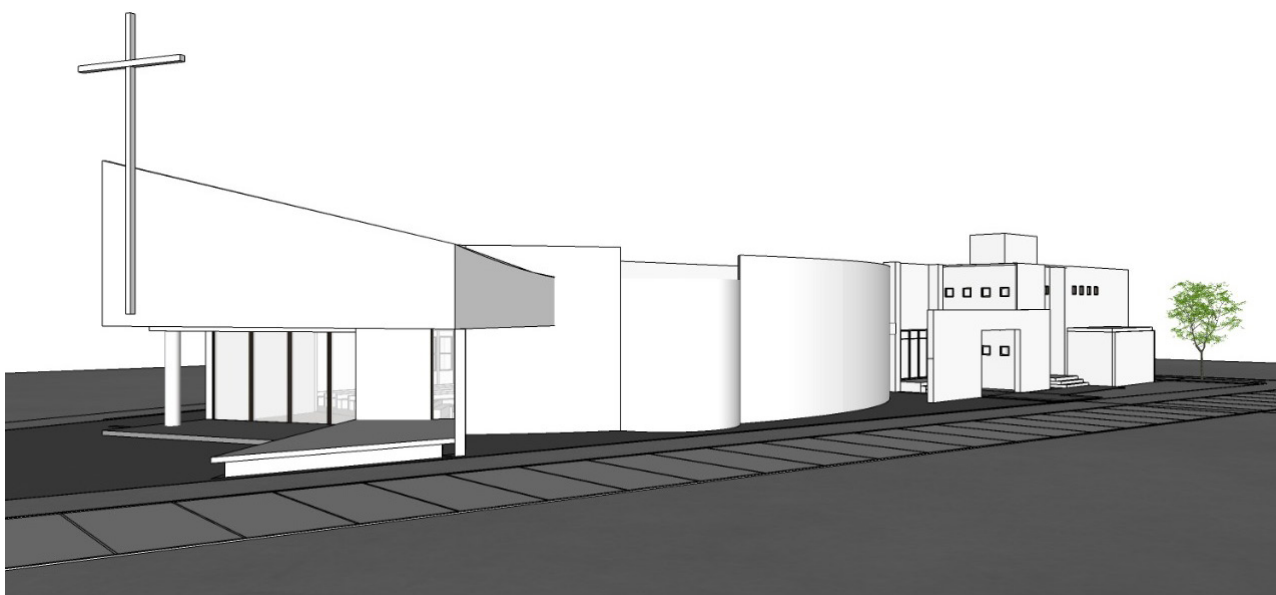


Figura 80 : Maquete branca 3D do projeto de Expedito
Fonte: Elaboração da autora



Figura 81: Maquete branca 3D do projeto de Expedito

Fonte: Elaboração da autora

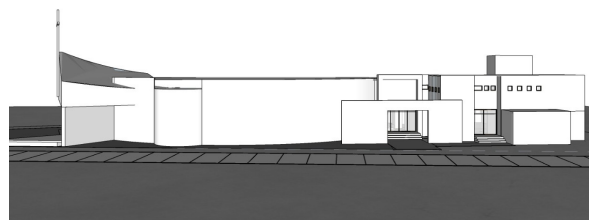


Figura 82 : Maquete branca 3D do projeto de Expedito

Fonte: Elaboração da autora

Apesar de aprovado na prefeitura e na comissão de arte Sacra, quando os custos foram calculados pela equipe econômica, decidiu-se por não levar o projeto adiante, tendo mantido apenas a reforma e ampliação do centro pastoral, como afirma o arquiteto Marcos Santana, contratado para a reforma da fase 2.



Figura 83 : Parte construída

Fonte: Acervo de Marcos Santana, com edições.



Figura 84 : Ampliação proposta

Fonte: Acervo de Marcos Santana

Fase 02 (2012 - 2015)

Em 2012, após ser descartada a continuidade da construção do projeto de Expedito Arruda, o então pároco da Igreja, o Padre José Carlos, chamou o arquiteto paraibano Marcos Santana para a concepção de um novo projeto, com custos menos elevados.

Santana, que se graduou na Universidade Federal da Paraíba em 1992, já era conhecido pela arquidiocese, tendo sido responsável pelo projeto da Igreja São Pedro Pescador, no bairro de Manaíra e também colaborador do projeto da Igreja Auxílio dos Cristãos ao lado do arquiteto Pedro Dieb, no bairro do Bessa. Nas figuras 85,86,87 e 88, vê-se como o arquiteto encontrou a igreja ao atender o pedido do padre.



Figura 85 : ampliação do volume administrativo proposto por Expedito Arruda

Fonte: Acervo de Marcos Santana



Figura 86 : volume administrativo ampliado proposto por Expedito Arruda

Fonte: Acervo de Marcos Santana



Figura 87 : Fachada original reformas estéticas.

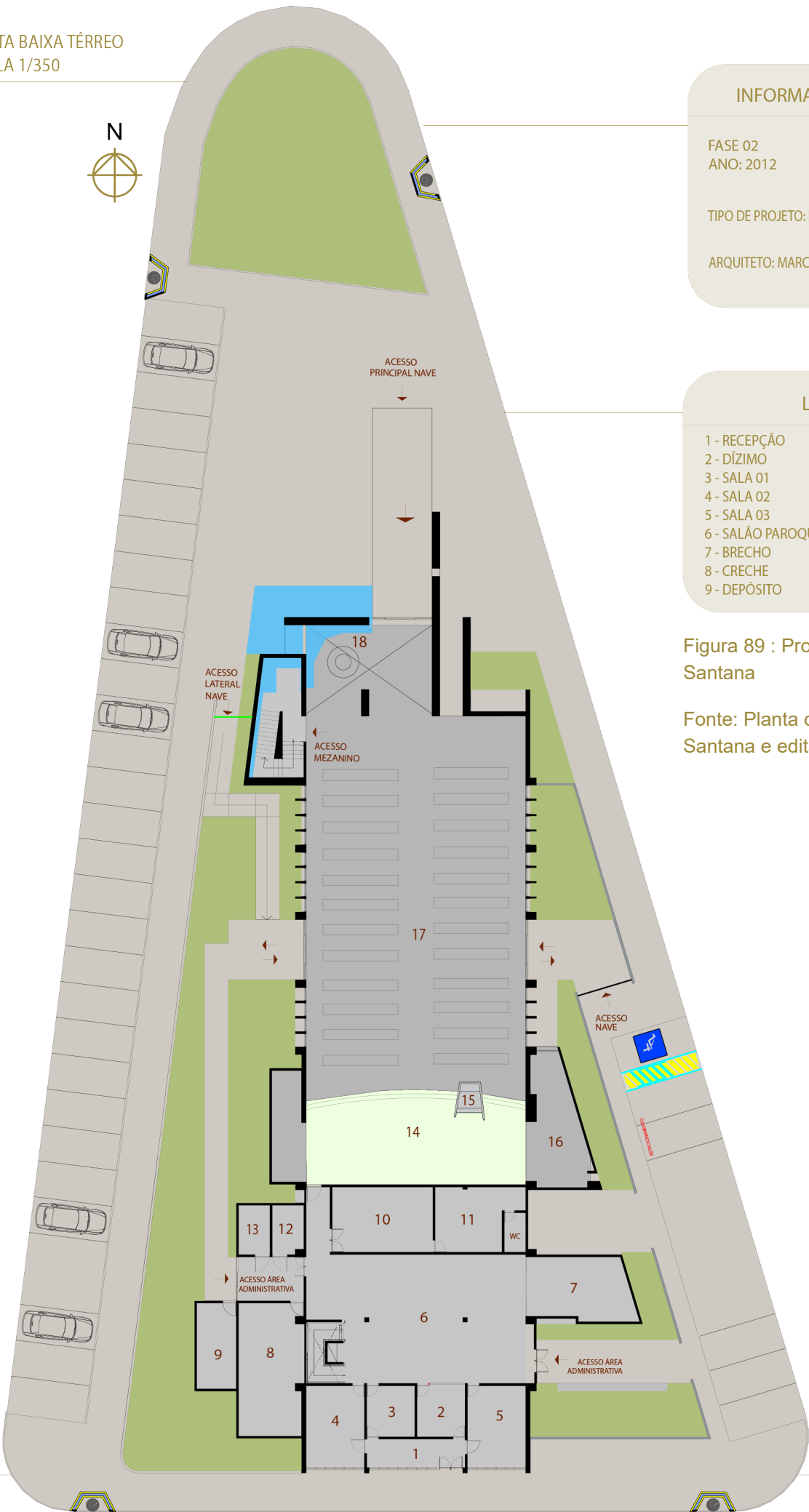
Fonte: Acervo de Marcos Santana



Figura 88: Volumetria externa. Fachada Leste

Fonte: Acervo de Marcos Santana

Observa-se que a planta da Igreja ainda se encontra com o formado do projeto original, assim como as esquadrias e aberturas. Percebe-se na fig 86 a ampliação do volume administrativo realizada segundo o projeto do arquiteto Expedito Arruda. Assim, tendo em vista esta realidade foi proposta a planta abaixo:



INFORMAÇÕES DE PROJETO

FASE 02
ANO: 2012

TIPO DE PROJETO: REFORMA E AMPLIAÇÃO

ARQUITETO: MARCOS SANTANA

LEGENDA

- | | |
|---------------------|------------------------|
| 1 - RECEPÇÃO | 10 - GABINETE DO PADRE |
| 2 - DÍZIMO | 11 - SACRISTIA |
| 3 - SALA 01 | 12 - WC MASCULINO |
| 4 - SALA 02 | 13 - WC FEMININO |
| 5 - SALA 03 | 14 - PRESBITÉRIO |
| 6 - SALÃO PAROQUIAL | 15 - AMBÃO |
| 7 - BRECHO | 16 - CAPELA |
| 8 - CRECHE | 17 - ASSEMBLEIA |
| 9 - DEPÓSITO | 18 - BATISTÉRIO |

Figura 89 : Proposta de Marcos Santana

Fonte: Planta cedida por Marcos Santana e editada pela autora

Na proposta do arquiteto Marcos Santana observa-se a proposição de mudança interna da disposição assembleia-presbitério para o formato I, e a manutenção da volumetria externa, assim como da ampliação promovida pelo projeto de 2008 no centro pastoral.

Além das propostas internas, Marcos Santana propôs a alocação da capela em um anexo, e o fechamento de duas entradas laterais para o acesso à capela e ao centro administrativo. O projeto previa ainda a inclusão de um mezanino (fig 93), para garantir a ampliação desejada para a Igreja, e uma nova fachada principal, ampliada para posicionar o batistério. Também foi realizada a reforma de todo o térreo do centro administrativo, quanto as paredes internas e disposição de salas, tendo sido aproveitado os banheiros.

O projeto paisagístico buscava abraçar a edificação, integrando os espaços externos. Ao tempo que foi proposto fechar as entradas laterais do projeto original, na parede que era o presbitério e o batistério, foram abertas duas entradas laterais, a entrada na fachada leste ficou como acesso lateral para a nave da Igreja, e a entrada na fachada oeste como acesso para área administrativa, na relação nave-centro pastoral. Outro ponto a se observar no projeto foi a proposta para a criação de um domo em cima do novo presbitério, troca da coberta original por uma plana e o desenho de sheds no forro.



Figura 90: Maquete 3D isão para o altar.
Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana



Figura 91 : Nova construção do altar.
Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana

Segundo imagens da representação digital da proposta seria incluído um painel no altar com um desenho sacro, mas de linhas limpas e funcionais, tendo como referência o artista plástico sacro Cláudio Pastro, de acordo com depoimentos de Santana.

A fachada também seria reformada para receber um aspecto de monumentalidade.

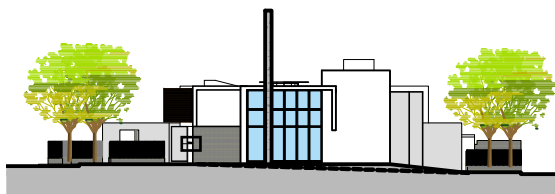


Figura 92 : Desenho da fachada norte. Escala 1/600

Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana

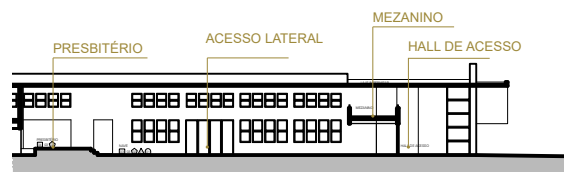


Figura 93 : Corte da nave da Igreja .

Escala 1/600

Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana

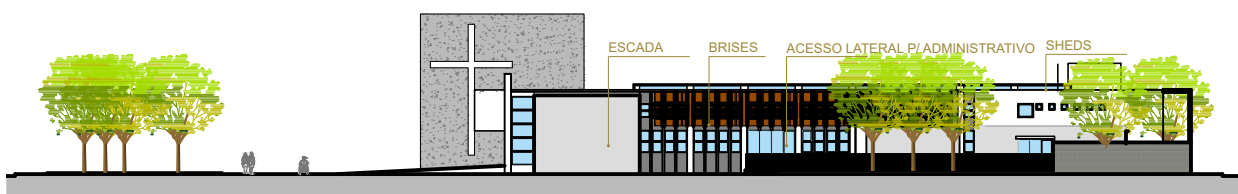


Figura 94 : Desenho da fachada oeste. Escala 1/600

Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana e edições da autora

O painel do presbitério idealizado pelo arquiteto Marcos Santana não foi executado por questões de custos de obra. Os sheds que receberiam vitrais também foram fechados com forro de gesso, pois a reforma da coberta se fez inviável. Tal como mostra na planta baixa haveria uma ampliação da fachada para alocar o batistério, que não foi realizada. Como se percebe nos desenhos das fachadas, houve a proposta de reforma das esquadrias de madeira por vidro e a criação de brises de madeira, além dos de concreto para proteger a fachada. No fim, foram executadas a mudança na posição do presbitério, a reforma das esquadrias de madeira, a inserção da capela lateral para o Santíssimo, a reforma no centro administrativo e as mudanças paisagísticas.

Após a realização do projeto de 2012, o arquiteto Marcos Santana foi chamado em 2015, para o desenvolvimento da via sacra na lateral da igreja, que agregasse o projeto paisagístico, e realizou uma breve alteração na fachada principal, que não havia sido reformada segundo o seu projeto, como se observa a seguir:

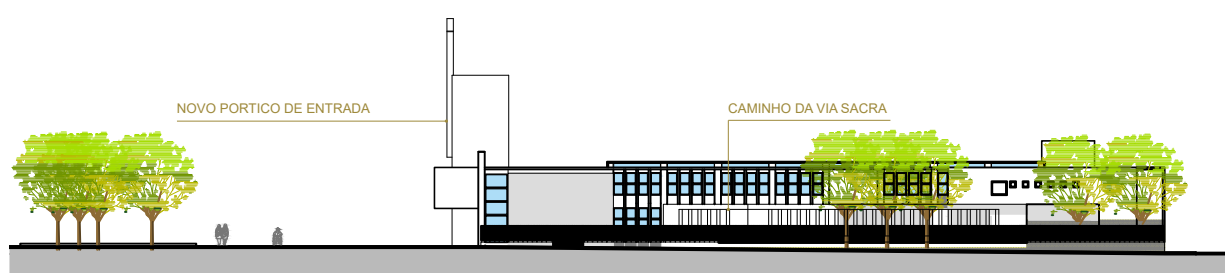


Figura 95 : Desenho da fachada oeste. Escala 1/600
 Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana e edições da autora

Observa-se o caminho da via sacra na fachada oeste. Agregando no acesso para o centro administrativo, o arquiteto propôs pergolas. Vê-se também que a alteração na fachada se resume à alocação da Cruz e pináculo. Segue ao lado o desenho em planta:

CAMINHO DA VIA SACRA

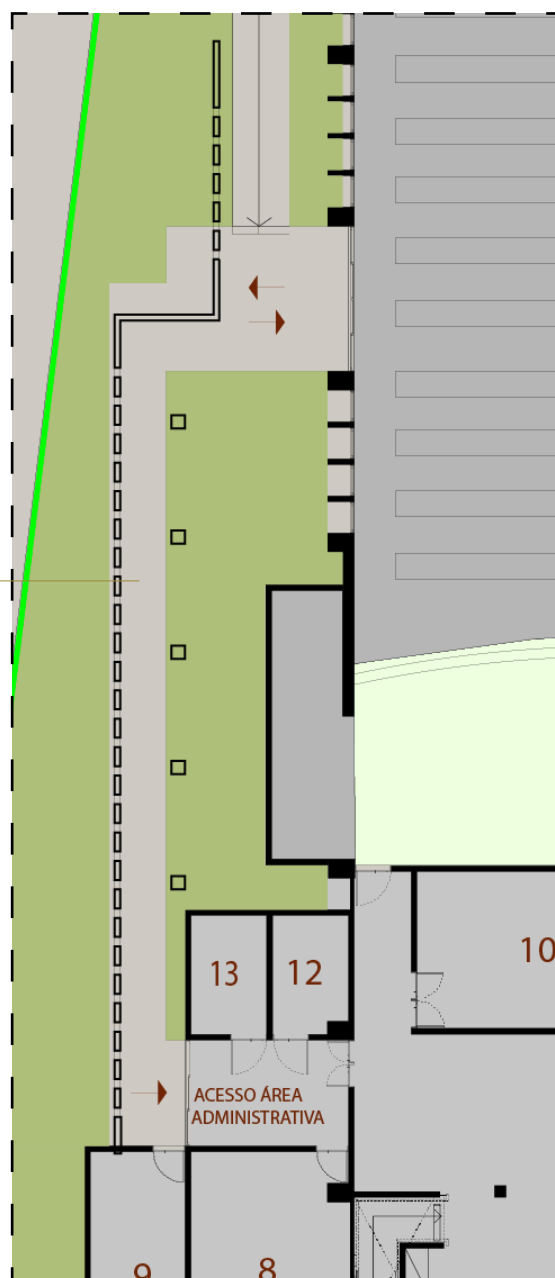


Figura 96 : Planta com últimas alterações de 2015
 Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana

Observamos essas alterações nas imagens da maquete 3D. A partir de 2015, o caminho da via sacra foi realizado. Contudo, houve mudança de párocos na paróquia, e as demais mudanças, como as da fachada principal e a criação do mezanino, foram embargadas.



Figura 97 :Imagens 3D
Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana



Figura 98: imagens 3D
Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana



Figura 99 : Imagens 3D.
Fonte: Acervo do arquiteto Marcos Santana



Figura 100 : Caminho da via sacra em pergolas
Fonte: Acervo da autora



Figura 101 : Entrada da fachada Oeste direto para via sacra.
Fonte: Acervo da autora



Figura 102 : Entrada da fachada leste
Fonte: Acervo da autora

Atualidade (2017 - hoje)

Após 2015, com as mudanças administrativas da paróquia, as reformas foram embargadas e só retornaram em 2017, com o atual pároco, padre Berg, não mais com o auxílio de Marcos Santana.



Figura 103 : Linha do tempo / Fonte: Elaboração própria

Os projetos foram alterados, em especial internamente quanto à ornamentação da Igreja. Atualmente identifica-se a presença de altares laterais, vitrais, réplica de mármore em técnica de pintura, led azul embutida no forro constituindo uma mistura de conceitos e réplica de simbolismos que não condizem com as referências discutidas no trabalho.



Figura 104: A Igreja hoje
Fonte: Acervo da autora



Figura 105: A Igreja hoje
Fonte: Acervo da autora

As pinturas foram idealizadas pelo paróco em conjunto com um artista não identificado. Recentemente, enquanto esse trabalho era desenvolvido houve duas alterações na Igreja: a capela lateral, na fachada oeste, para alocar o batistério, que antes era colocado próximo ao presbitério, e uma ampliação lateral na fachada leste para o coro. (fig 106 e 107). Em conversa com a equipe econômica da paróquia, sabe-se que essas duas reformas, apesar de não terem plantas desenhadas, foi realizada através da consultoria dos arquitetos: Giovane Andrade e Mariana Cunha.



Figura 106: A Igreja hoje - o coro

Fonte: Acervo da autora

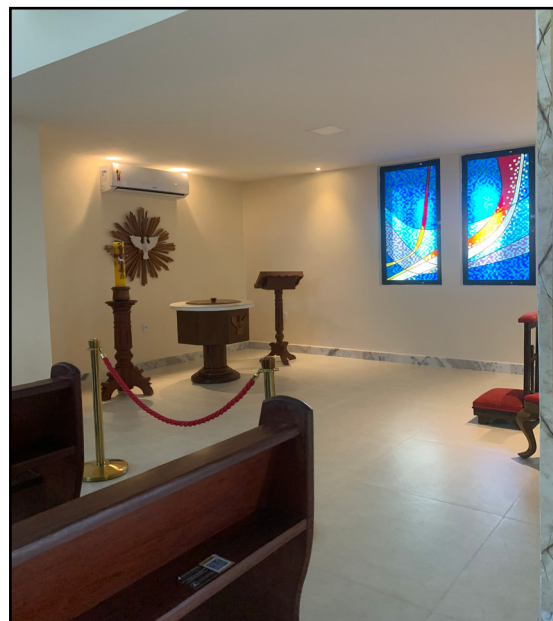


Figura 107: A Igreja hoje - o batistério

Fonte: Acervo da autora

Segundo Raniere Cavalcante, engenheiro e coordenador da equipe econômica da paróquia, as reformas devem continuar. Está previsto a pintura do forro, nas mesma linha das paredes, assim como ainda é desejado a criação do mezanino para ampliação da nave. Ademais, há a pretensão de acomodar painéis de energia solar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ao desenvolver uma breve contextualização teórica sobre a temática de arquitetura religiosa, possuiu base para análise das diretrizes do Concílio do Vaticano II à luz da sociedade moderna, assim como compreender as diretrizes nos permitiu visualizar as aplicações no estudo de caso, e ao mesmo tempo nos leva a formar reflexões críticas, trazendo à tona questionamentos sobre a sociedade, permanências simbólicas e a qualidade da arquitetura.

Nesse sentido, com base na análise do estudo de caso desde o seu projeto original até a atualidade, percebe-se que mudanças significativas foram realizadas ao longo do tempo. Ora por necessidade, ora por desejo dos párocos.

No primeiro momento, com o levantamento teórico realizado, observa-se que a Matriz Nossa Senhora de Fátima de fato foi construída considerando os princípios pós conciliares e modernistas. Apesar de não termos conseguido o contato com o arquiteto do projeto, podemos supor, através do material levantado, que o projeto tinha em sua essência a busca de aproximação dos fiéis ao altar, assim como de fazê-los participar ativamente da celebração. Conquanto no projeto havia algumas peculiaridades, apesar da planta concêntrica, que se tornou uma solução comum adotada pelo movimento litúrgico, a posição da entrada na nave, pela fachada norte, desfavorecia a visão do presbitério.

Percebe-se que os projetos de reforma dos anos 2008 e 2012 surgiram da necessidade paroquial de ampliação e melhorias na forma de acomodar os fiéis. Nesse sentido, apesar de em 2008 haver um projeto de ruptura quanto a volumetria da Igreja, o arquiteto Expedito Arruda de forma clara em seu traço e especificações mantinha as referências modernas e conciliares, como a planta livre e concêntrica, a limpeza dos altares laterais, sem o uso de imagens exacerbadas, sacralidade através de materiais naturais como a pedra e a madeira. Da mesma forma, em 2012, o arquiteto Marcos Santana dava continuidade à volumetria

original, incluindo melhorias com a criação de uma capela lateral para o Santíssimo e elementos na fachada principal, ao tempo que promoveu uma ruptura na posição do presbitério, para a posição I. Contudo, essa opção não contraria as diretrizes do concílio, pois há também abertura para essa forma. Nesse projeto seriam mantidas as paredes limpas, sem altares laterais ao longo da Igreja, capela do Santíssimo Separada da Nave e batistério.

Nos dois projetos, apesar dos traços de ruptura, identifica-se o seguimento aos ideais propostos pelo Concílio do Vaticano II, como também assemelham-se a princípios modernistas. Seja com Expedido e sua organicidade, planta concêntrica e volumes circulares. Seja com Santana, que previu uma ornamentação limpa, o uso de sheds para efeito de iluminação zenital e um projeto paisagístico agregador.

No entanto, as intervenções posteriores, das quais não identificamos a presença de projeto de arquitetura, mostram uma mistura de conceitos e técnicas que se distanciam dos ideais conciliares, como o uso de vitrais coloridos, a presença de ornamentações que não expressam a verdade dos materiais, como uma tentativa de barroco 2D, e a construção de altares diversos, inclusive com imagens de santos repetidas. A qualidade do padrão arquitetônico, em especial interiormente, decai gerando um edifício sem tempo, sem estilo e com tanta simbologia que encontra-se sem alguma.

Dessa forma, fica o questionamento: o que essas intervenções recentes refletem? Apego a simbolismos do passado e a busca pelas características tradicionais de Igrejas barrocas ou antigas? Conquanto, o mundo muda, a forma do povo se manifestar também, a Beleza pode ser um direito, bela em si mesma sem a necessidade de admiradores, como diz Marcos Aurélio, mas as formas de manifestação da Beleza representam uma sociedade, um jeito, uma forma de viver de um tempo.

Atualmente, a sociedade é marcada por informações que chegam a todo instante, visualmente, por áudio, no celular, na televisão, no trabalho, o homem e a mulher contemporâneo precisam de paz, de acolhida, de limpeza visual, de simplicidade, de casa. O espaço sagrado católico como reflexo de um povo, como local de celebração é chamado a ser esse lugar de refúgio em meio aos exageros da sociedade da informação, da velocidade e da universalidade. Um lugar de unidade e de comunhão, cristocêntrico, eucarístico, celebrativo não por suas ornamentações ricas, mas pela simples congregação do povo que se reúne para participar, mais uma vez, do mistério da paixão de Jesus Cristo na Santa Missa.

O passado não mais nos representa. Não deve nem pode. Mas, se as alterações na Igreja Nossa Senhora de Fátima refletem um processo de reformas que vem ganhando espaço em várias Igrejas modernas da cidade como a Igreja São Pedro Pescador e a Igreja Santa Ana e São Joaquim, tal qual observamos em nosso levantamento in loco de informações, talvez seja tempo de rever o que eleva o homem contemporâneo à espiritualidade sacra.

Levanta-se questionamentos para pesquisas futuras: uma vez que as igrejas construídas à luz do modernismo se tornam objetos de reforma, quais seriam as necessidades para o espaço sagrado contemporâneo? O que é o sagrado hoje? Como lidar adequadamente com as reformas nas produções arquitetônicas, sem deteriorar a qualidade do padrão da arquitetura?

Por fim, fica evidente a necessidade da co-relação entre os estudos de arquitetura e as vivências sacras, assim como o olhar do arquiteto e acadêmico diante das produções religiosas. Se até o século XX, esses estudos andavam juntos gerando belíssimos projetos, cabe a nova geração manter essa união para uma acertada produção de projetos, verdadeiramente simbólicos, sacros, espirituais, e representativos para o nosso tempo.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wellington de; OCTÁVIO, José. Uma cidade de quatro séculos. Evolução e roteiro. IGEPAC – P – Dep. PAT. Histórico: Governo do Estado da Paraíba, 1985.

ALVES, Adylla. As experiências de Regis Cavalcanti, Expedito Arruda e Amaro Muniz em João Pessoa/PB nos anos 1980. Trabalho de graduação. João Pessoa, UFPB, 2022.

AMOREIRA, Sofia. Produções Arquitetônicas e Intervenções no Patrimônio Religioso Pós-Concílio Vaticano II Arquitetura religiosa contemporânea em Portugal. 2020

ARAUJO, Ricardo. A arquitetura residencial em João Pessoa, PB: a experiência moderna dos anos 1970. Trabalho pós graduação. Natal, UFRN, 2010

BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Ed. Record, vol. I e II, 1984

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. Instrução Geral sobre o Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília, Edições CNBB, 2008.

DUARTE, Macielle Nóbrega. Caracterização Tipológica da Arquitetura Sacro-Romana em João Pessoa. [Monografia], João Pessoa, 2005.

FIALHO, Sofia alexandra, Produções Arquitetônicas e Intervenções no Patrimônio Religioso Pós-Concílio Vaticano II. Portugal, 2020v

FRADE, Gabriel. Arquitetura sagrado no Brasil. São Paulo. Ed. Loyola, 2007

GUIMARÃES, Thabata Paiva. Igreja Sacra Contemporânea. [Monografia] UFPB, João Pessoa, 2009

HOLANDA, Armando de. Roteiro para Construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados. Recife, MDU UFPE, 1976.

LIMA, Rogério. ARQUITETURA DAS IGREJAS E O CULTO CATÓLICO CONTEMPORÂNEO: PRESERVAÇÃO E ADAPTABILIDADE. Rio de Janeiro. 2011

MACHADO, Regina Céli de Albuquerque. O espaço da Celebração: mesa, ambão e outras peças. 3 ed., São Paulo: Edições Paulinas, 2002.

MENDES, Chico. VERÍSSIMO, Chico. Arquitetura religiosa do Brasil. COSTA, Roberta. Casas modernas na orla marítima de João Pessoa. Dissertação de mestrado. Natal, UFRN, 2011.

MENESES, Marcondes. “o caso das merces”. João Pessoa. 2014 CAPTIVO, Teresa. Arquitetura de Espaços Religiosos Contemporâneos. Lisboa, 2016

MENEZES, Ivo Porto de. Arquitetura Sagrada. São Paulo: Loyola, 200 PASTRO, Cláudio. Arte Sacra. São Paulo: Paulinas, 2001.

MOLINERO, D. Marcelo. O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia. São Paulo. Ed. paulus. 2019

MULLER, Fábio. O tempo cristão na modernidade: permanências simbólicas e conquistas figurativas. 2006. Dissertação de mestrado UFRGS. Porto Alegre: 2006.

OHNSON, Stephen; JOHNSON, Cuthbert. O espaço litúrgico da celebração: Guia litúrgico prático para a reforma das igrejas no espírito do Concílio Vaticano II, [tradução José Raimundo de Melo]. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OLIVEIRA, Daniela. A produção do espaço Sagrado na arquitetura contemporânea. Minas Gerais. 2017

PASTRO, Cláudio. Arte Sacra: O espaço sagrado hoje. São Paulo: Loyola, 1993.

PASTRO, Cláudio. Guia do Espaço Sagrado. São Paulo: Edições Loyola, 1999. MELLO, Suzy de. Barroco mineiro. São Paulo. Ed. Brasiliense. 1985

PEREIRA, Fulvio. Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa. Dissertação de mestrado. São Carlos, USP, 2008.

RAMOS, Juliana. NASLAVSKY, Guilah. Construindo com pouco no Nordeste brasileiro. Recife, DAU UFPE, 2020.

SCOCUGLIA, Jovanka. MONTEIRO, Lia. MELO, Marieta de. Arquitetura Moderna no Nordeste 1960-70: a produção de Borsoi em João Pessoa. Influências pernambucanas e necessidade de preservação. João Pessoa, UFPB, 2005.

SEEGERER, Christian Michael, Levantamento e análise de obras. São Paulo, 2019

SILVEIRA, Marcus. Templos modernos, templos ao chão. A trajetória da arquitetura religiosa modernista e a demolição de antigos templos católicos no Brasil. Minas Gerais. 2011

VATICANO. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Ed. Paulus, 2001.